

Rosilene Félix Mamedes
Adevaldo Francisco Dos Santos
Edilene Araújo Firminio da Silva
Aldenice Auxiliadora de Oliveira
Jussara Candida Correia De Oliveira Farias
Patrícia Kelle Dias do Nascimento
Isabela Cristina Gomes Ribeiro da Silva

DA TEORIA À PRÁTICA:

Práticas pedagógicas em contexto de letramento



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M264t Mamedes, Rosilene Felix.

Da teoria à prática: Práticas pedagógicas em contexto de letramento – Vol. 2 / Rosilene Félix Mamedes, et al. – João Pessoa : Sal da Terra, 2023.

Livro digital

ISBN 978-65-5886-264-2

1. Educação. 2. Letramento. I. Santos, Adevaldo Francisco dos. II. Silva, Edilene Araújo Firmino da. III. Oliveira, Aldenice Auxiliadora de. IV. Farias, Jussara Candida Correia De Oliveira. V. Nascimento, Patrícia Kelle Dias do. VI. Silva. Isabela Cristina Gomes Ribeiro da. VII. Título.

CDU 372.08

Bibliotecário responsável: David Coelho Moura de Lemos – CRB/15 968

CONSELHO EDITORIAL

Dra. Rosilene Félix Mamedes

Dr. Hermano Rodrigues de França

Dra. Maria De Fátima Almeida

Dra. Veridiana Xavier Dantas

Ma. Prisciane Pinto Fabricio Ribeiro

Ma. Greiciane Pereira Mendonça Frazão

ARTE E DIAGRAMAÇÃO

Samuel Nascimento Lima

Michele Teixeira de Pontes

PREFÁCIO

Pensar sobre o ato de fazer educação é retomar, essencialmente, a necessidade da formação continuada do docente, visto que constantemente as teorias evoluem, o contexto de sala de aula se transforma, e, com isso, é preciso ressignificar o ensino para as novas demandas. Nesse sentido, tanto discente quanto docente precisam estar em acordo com os novos parâmetros da educação, foi o que aconteceu em 2020, com a pandemia, o sistema educacional se deparou com as suas chagas sociais que vinham se alastrando ao longo dos anos.

Na verdade a escassez do ensino público não é novidade para quem faz educação no Brasil, e foi exatamente dessa lacuna, que nasceu o grupo de pesquisa, que coordeno com o objetivo de auxiliar docentes e/ou licenciados no seu fazer pedagógico. Muitos desses docentes buscam compreender as teorias para atrelarem às suas práxis, foi a partir disso quem em 2021 nasceu a primeira coleção da Teoria à prática, em que os docentes que estavam vinculados ao nosso grupo de estudo se propuseram repensar a sua prática de modo atender alguns nichos da educação básica, em especial, letramento e alfabetização, tema este muito carente tanto na formação inicial, bem como na continuada, que por sua vez, reflete nos índices negativos da educação básica nos exames de larga escala.

É nesse contexto, que mais uma vez, trazemos o segundo momento da coleção da Teoria à Prática, em 2023, sobre os temas: Letramento e aquisição da linguagem (volumes 1 e 2); Educação inclusiva e atividades adaptadas em contextos de aprendizagem (volumes 1 e 2) e Práticas pedagógicas em contextos de letramento (volumes 1 e 2).

Assim, o nosso grupo de estudo vem refletindo o fazer pedagógico de docentes que almejam ingresso em mestrados e doutorados públicos como pesquisadores, visto que a escola é o maior celeiro para se entender não só as suas especificidades, mas a partir delas fazer pesquisa, buscando soluções para as inquietações dos docentes para que, assim, possamos ter respostas significativas para temas tão recorrentes que continuam há décadas sem soluções.

Convidamos a você, leitor, a se debruçar sobre os nossos escritos e a refletir sobre os temas que nos propomos a escrever.

Prof^a Dr^a Rosilene Félix Mamedes

SUMÁRIO

O PAPEL DO EDUCADOR NAS SÉRIES INICIAIS.....	5
SCREENCAST: TDIC PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM.....	14
PROJETO DE INCENTIVO A LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA PÚBLICA DE JOÃO PESSOA- PB.....	24
“EVOCAÇÃO DO RECIFE” E “RECIFE MORTO”: UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E A CIDADE	34
CONSCIENTIZAR HOJE PARA VIVER MELHOR AMANHÃ	47

O PAPEL DO EDUCADOR NAS SÉRIES INICIAIS

Patrícia Kelle Dias do Nascimento

Jussara Candida Correia de Oliveira Farias

Rosilene Félix Mamedes

RESUMO

As séries iniciais são uma fase de extrema importância para a formação e desenvolvimento das características físicas e psicológicas das crianças, isso porque é a fase do descobrimento. A maneira em que o professor desenvolve e executa suas aulas as crianças fazem toda a diferença no seu desenvolvimento, para obter resultados positivos com tal desenvolvimento o professor deve planejar e executar atividades lúdicas de acordo com as características sociais e culturais da rotina das mesmas, associando o conhecimento com ações comuns ao cotidiano as crianças apresentam melhores resultados. O professor deve estar sempre se atualizando, conhecendo e desenvolvendo novas técnicas de ensino que despertem o interesse e a motivação das crianças em querer aprender, as atividades lúdicas devem ser desenvolvidas de acordo não apenas com as características da sociedade como também com as características pessoais da criança, sendo elas em grupo ou individuais. Esses profissionais devem se atentar a maneira como a criança realiza as atividades, mantendo constantes diálogos, muitas vezes a criança se expressa através do desenvolvimento dessas atividades apresentando suas capacidades e limitações. O objetivo deste trabalho é descrever o papel do educador nas séries iniciais.

Palavras-chave: Series iniciais. Professor. Lúdico. Aluno.

1 INTRODUÇÃO

O papel do professor é fundamental dentro da escola e se reflete em toda a sociedade, pois ele é um agente ativo na formação de um cidadão. As crianças necessitam de modelos a serem seguidos para que ajam em prol da equidade no mundo, e seus únicos exemplos nos

primeiros anos de vida são os pais, seguidos dos professores e amigos encontrados no ambiente escolar.

Além de ser um educador, atuando como gestor de aprendizagem, o professor tem influência para orientar e motivar seus alunos desde o primeiro contato do seu filho com a escola. É ele quem facilita o acesso a informações e dados, ao conhecimento acumulado pela sociedade, conduzindo, avaliando e executando experiências, eventos e projetos para que a construção da aprendizagem seja completa desde os primeiros anos no colégio.

A Educação Infantil é primordial na formação de um indivíduo no que diz respeito não somente a transmissão de conhecimento, mas também ao englobar questões relacionadas ao amor, fraternidade, dignidade, solidariedade, responsabilidade, ética e outros valores fundamentais para a convivência harmoniosa do ser humano na sociedade.

Engana-se quem pensa que o papel do professor é apenas ensinar. Ele também é um dos responsáveis por estimular atitudes respeitadas por parte das crianças: o professor ensina o seu filho a respeitar os demais colegas de classe, a aguardar a vez dele na fila, a ser gentil com as outras pessoas que trabalham na escola, entre outras atitudes que, conseqüentemente, serão levadas para fora do ambiente escolar.

O educador também é responsável por proporcionar às crianças experiências que auxiliam a desenvolver suas capacidades cognitivas, como atenção, memória, raciocínio e o bem estar em um ambiente cheio de pluralidade. Para isso, ele promove atitudes, estratégias e comportamentos que favorecem a melhor aceitação e desenvolvimento da criança no ambiente escolar, sempre de maneira carinhosa, servindo de exemplo para os mais novos.

É na fase dos 0 aos 6 anos, chamada de primeira infância, que as crianças passam a perceber o mundo e despertam uma curiosidade nata e investigativa, sempre questionando e querendo saber o porquê das coisas. Com isso, a criança constrói sua própria identidade, baseada na exploração do meio em que vive, na construção dos relacionamentos interpessoais, na obtenção do conhecimento e valores a ela ensinados, e nas brincadeiras, que são a forma mais produtiva de adquirirem conhecimento e se relacionarem com outros.

Por isso, na primeira infância, é primordial que o educador também ofereça, juntamente com os pais, todas as ferramentas necessárias para a construção dessa identidade. Criando situações que permitam agregar conhecimento, organizar o espaço físico, ensinar como manipular e explorar materiais concretos e harmonizar trocas orais constantes com crianças e adultos.

Dessa forma, ocorrerão as trocas afetivas, enfrentamentos e resoluções de conflitos, e vocês perceberão como a criança lida com frustrações e desafios.

O professor é uma figura fundamental na vida das crianças, e aqueles que atuam na educação infantil são verdadeiros pilares para o desenvolvimento do seu filho. A escola é o segundo ambiente socializador em que a criança é inserida, onde o educador pode ajudar a adquirir novos conhecimentos todos os dias e a desenvolver interações, impactando em seu modo de perceber o mundo.

2 O PAPEL DO EDUCADOR NAS SÉRIES INICIAIS

Conforme vigora a Lei 9.394/96, na seção II, em seu artigo 29 sobre a Educação Infantil: “É a primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, completando a ação da família”. O governo, em suas esferas Federal, Estadual e Municipal, vigora legislações que tem como objetivo garantir educação de qualidade para todas as crianças.

O ensino fundamental geralmente é desenvolvido em crianças de 0 a 6 anos, conforme a Lei mencionada à cima é nessa fase que a crianças está se desenvolvendo em vários aspectos de aprendizagem como de formação pessoal. A família também contribui para com esse desenvolvimento, isso porque o que a criança aprende na escola coloca em prática em sua vida familiar, neste sentido, a família deve auxilia-la, incentivando, motivando e fazendo parte desse desenvolvimento.

Para Dias (2013, p. 13):

O direito de acesso à escola formal é garantido constitucionalmente e demonstra que a escola é a instituição de maior expressão da educação na sociedade, uma vez que é um espaço onde o aluno pode relacionar-se com seus pares, com o ambiente e com profissionais da educação.

O governo desenvolve programas, incentivos, investimentos e promovem fiscalizações tudo isso para tentar garantir que todas as crianças tenham acesso à educação. A educação desenvolve a criança para ser cidadão responsável pelos seus atos.

De acordo com Ruiz (2008, p. 09):

As políticas educacionais, organizacionais e curriculares são portadoras de intencionalidade, ideias, valores, atitudes e devem ser entendidas no quadro mais amplo das transformações econômicas, políticas, culturais e geográficas que caracterizam o mundo contemporâneo.

As políticas que vigoram os padrões de qualidade da educação no Brasil, além de serem hierarquias, também respeitam as características locais como economia, política, cultura e geografia e história dando espaços para formação e desenvolvimento de ideias, valores e atitudes, onde a escola, e professores devem desenvolver projetos que envolvam os alunos a favor desse desenvolvimento.

Cada grupo de alunos do Ensino Fundamental possuem características deferentes, nenhum aluno é igual ao outro, os mesmos possuem ideais, críticas, reflexões, culturas, idades e bases estruturais familiares diferenciadas. Cabe ao professor desenvolver atividade que promovam a formação do aluno de acordo com o cotidiano do mesmo, respeitando tais diferenças.

Para Galvão (1995, p. 39): “A cada idade estabelece-se um tipo particular de interações entre o sujeito e o ambiente. Os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem e os conhecimentos a cada cultura formam o contexto do desenvolvimento”. Complementando a citação anterior, o Ensino Fundamental é formado, em sua maioria, por crianças até 6 anos, desse modo, cada grupo de crianças necessita de atividades diferentes que se adequam ao mundo em que elas vivem, a maneira de agir e pensar, e com relação a rotina das mesmas.

Maiel (2012, p. 01) descreve que: “As teorias psicogenéticas dizem que a infância é um período, onde se verifica maiores desenvolvimentos e mudanças significativas influenciadas pelas interações entre o sujeito e o meio”. Pesquisas científicas e psicológicas relatam que é durante a infância que a criança desenvolve características pessoais que podem acompanhar durante toda a vida. Nessa fase a criança aprende com ações que envolvem o lúdico e o convívio social com as pessoas, sendo o professor fundamental nesse processo de formação e desenvolvimento.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996, p. 01) em seu artigo 1º § 2º descreve que: “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”. As escolas, bem como os professores, devem desenvolver atividades com as crianças relacionadas às características próprias das mesmas e com o meio social que as mesmas vivem. Elas assimilaram o aprendizado juntamente com o desenvolvimento pessoal, obtendo melhores resultados, com exemplos de seus cotidianos.

Pereira et al (2013, p. 13):

Faz-se necessário que a escola e o professor nas Séries Iniciais, considerem que é preciso instigar no aluno a formação de uma consciência crítica e cidadã, uma vez que está deve ser encarada como mola propulsora para passos na sua.

Devido à importância do Ensino Fundamental na formação da criança, os professores desempenham funções de fundamental importância nesse processo, motivando o interesse do mesmo em, além de desenvolver a aprendizagem e o conhecimento, querer saber cada vez mais como funcionam as ações de seu cotidiano, desenvolvendo seu lado cidadão.

Conforme Oliveira et al (2001, p. 67):

O professor deve ter bastante claro que os princípios que regem seu fazer estão diretamente relacionados com os princípios de cidadania que estão sendo construídos pelas crianças. Desta maneira é fundamental a busca, a coerência entre o ideal de formação que se quer alcançar e os procedimentos assumidos pelo docente enquanto ser individual, social, profissional e político na efetivação de seus objetivos, seus valores e seus ideais, para que possamos almejar uma sociedade mais humana, igualitária e justa, preservando o que a sociedade tem de melhor, seu potencial humano.

O professor de Ensino Fundamental deve planejar e desenvolver as atividades com seus alunos de maneira organizada e sequencial, de acordo com o que o aluno já conheceu, ou seja, as atividades para alunos com idade menor não devem ser planejadas da mesma maneira do que as dos alunos com mais idade, por mais que habitam na mesma localidade e com características sociais e culturais parecidas.

Maiel (2012, p. 03) afirma que:

A educação infantil vai favorecer também outros vários fatores como a formação intelectual, formação física, formação estética, formação ética e moral que são elementos que compõe a instrução e fatores que oferecem o desenvolvimento intelectual da criança à luz dos ideais que se pretende.

A educação no Ensino fundamental tem objetivos de desenvolver vários aspectos na formação intelectual da criança como: física, estética, ética e moral. É nessa fase que o perfil da criança é formado, nela as crianças desenvolvem senso crítico, cidadão estabelecendo ideais e objetivos.

Oliveira (2007, p. 49): “Na Educação Infantil, hoje, busca-se ampliar requisitos necessários para adequada inserção da criança no mundo atual, sensibilidade, solidariedade e senso crítico”. A educação infantil é a primeira fase de preparação da criança para o mundo em que vivemos, com todas as suas vantagens e desvantagens. O Ensino Fundamental é uma das fases da educação mais importante, pois além de desenvolver a aprendizagem e o conhecimento da criança, forma e desenvolve suas características pessoais que servirão de base em suas atitudes rotineiras.

Segundo com a autora Maiel (2012, p. 01):

A Educação pode significar instrução isto é o resultado de um processo de atividades dirigidas através de interações que é o ensino, e é caracterizado pelo nível de desenvolvimento intelectual e das capacidades criadoras que leva a aquisição de um conjunto de conhecimento científico, culturais e sociais para a formação harmoniosa das diferentes esferas que comportam a personalidade.

Através da educação transmitida no Ensino Fundamental a criança desenvolve capacidades intelectuais e criadoras, nesse processo o professor desenvolve importante papel.

Pereira et al (2013, p. 13): “O ensino nas Séries Iniciais e Educação Infantil devem promover a reflexão e cabe ao professor fazer com que esta reflexão seja efetivada, ainda que de modo tímido”. O professor das séries iniciais deve, além de desenvolver a aprendizagem e a formação do aluno, deve também estimulá-lo a reflexão das ações que envolvem o seu cotidiano.

Porém, cada aluno reage de maneira diferente, alguns de maneira mais ativa e outros de maneira mais tímida. Desse modo, compete ao professor identificar as reações diferenciadas entre seus alunos e desenvolver atividades com metodologias significativas ao ensino, aprendizagem, formação e a rotina da criança para que proporcionem resultados positivos a todos. Nascimento (2007, p. 31) relata que:

A criança possui modos próprios de compreender e interagir com o mundo, cabe ao professor favorecer a criação de um ambiente escolar onde a infância possa ser vivida em toda a sua plenitude, um espaço e um tempo de encontro entre os seus próprios espaços e tempo de ser criança dentro e fora da escola.

As crianças criam o seu próprio mundo imaginário e lúdico, o professor de Ensino fundamental auxilia nesse processo para que a mesma reflita situações que envolvam seu cotidiano na sociedade, desse modo à criança desenvolve sua formação brincando, dentro da escola e fora dela com os ensinamentos que aprendeu com o professor, a família também é uma ferramenta auxiliar nesse processo fora da escola.

Para Vygotsky (1991, p. 07) a tarefa do professor de Ensino Fundamental consiste em:

Desenvolver não uma única capacidade de pensar, mas muitas capacidades particulares de pensar em campos diferentes; não em reforçar a nossa capacidade geral de prestar atenção, mas em desenvolver diferentes faculdades de concentrar a atenção sobre diferentes matérias.

O professor deve auxiliar no desenvolvimento de reflexão do aluno em vários aspectos, isso porque o aluno recebe a aprendizagem em diversas disciplinas, porém as mesmas estão interligadas ao conhecimento e ações da rotina do aluno.

Segundo Angotti (2006, p. 26):

O papel da educação e educador infantil caracteriza no ideal de recuperação da infância perdida nos tempos modernos para inserir a criança no mundo do conhecimento, na condução de ser alfabetizada na leitura de mundo, na leitura interpretativa de tudo que está ao seu redor sem perder a natureza, a magia, a fantasia, o mundo maravilhoso do ser criança e propiciar-lhe desenvolvimento integral, seguro e significativo.

O professor do Ensino Fundamental tem o importante papel de desenvolver a formação da criança, inserindo-a na sociedade, transmitindo conhecimentos em áreas diversas relacionadas ao cotidiano, sem que a mesma perca a magia e o lúdico da infância.

3 CONCLUSÃO

O professor das séries iniciais é de fundamental importância para o desenvolvimento e formação do conhecimento e caráter cidadão da criança. É na fase da infância que a criança está mais propícia a absorver mais conhecimentos despertando a curiosidade, reflexão e a motivação na aprendizagem de diversos assuntos, desse modo o professor auxilia nesse processo de descobrimento.

O professor deve estar sempre se atualizando e qualificando com cursos e apresentando novas técnicas de ensino para seus alunos, porém a experiência é de grande importância nesse processo, pois o mesmo deve estar atento aos aspectos sociais, culturais históricos e estruturais que envolvem as crianças para desenvolver atividades de reflexão e aprendizagem em diversas áreas. Assim, a família e a sociedade também fazem parte do desenvolvimento das crianças, principalmente em ações participativas fora da escola.

Conclui-se que o profissional educador é fundamental no desenvolvimento e formação da criança, tanto no que se refere à aprendizagem como na formação de caráter. Destacando a importância da família em conhecer o trabalho do professor e acompanhando o desenvolvimento e a participação de seus filhos na escola desde de pequenos, para assim, escolher a melhor instituição de ensino e incentivar seus filhos numa formação que melhor desempenhe suas atividades a favor desses resultados, numa troca de confiança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. N. **Educação Lúdica**. 9ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

ANDRADE, E. B. F. A Busca pelo Reconhecimento do Professor. In: ANGOTTI, Maristela (Organizadora). **Educação Infantil: para que, para quem e por que?** Campinas/SP: Editora Alínea, 2006.

ANGOTTI, M. (Organizadora). **Educação Infantil**: para que, para quem e por que? Campinas/SP: Editora Alínea, 2006.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** - LDB. Brasília: 1996. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 15/11/2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referenciais para a Formação de professores**. Brasília: MEC / SEF, 2002. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 15/11/2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Introdução. Volume 1.

Brasília. 1998. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf>. Acesso em: 15/11/2015.

DIAS, M. V. **Evasão Escolar no Ensino Fundamental**. Instituto Federal de Educação.

Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais- Campus Machado: 2013. Disponível em:

<http://www.mch.ifsuldeminas.edu.br/~biblioteca/biblioteca_digital/Documentos/TCC-da-Biologia2013/TCC-Mirian.PDF>. Acesso em: 18/11/2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GALVÃO, I. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.

Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e pre-posições. 11ª Edição.

São Paulo: Cortez, 2008.

NASCIMENTO, A. M. A Infância na Escola e na Vida: uma relação fundamental. In:

Beauchamp, Janete (org) et al **Ensino Fundamental de 9 anos**: orientação para inclusão da criança de 6 anos de idade. Brasília. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. 2007.

OLIVEIRA FORMOSINHO, J.; FORMOSINHO, J. **Associação Criança**: um contexto de formação em contexto. Braga: Livraria Minho, 2001.

OLIVEIRA, Z. M. **Educação Infantil**: Fundamentos e métodos. 3ª Edição. São Paulo: Cortez, 2007.

TAPIA, J. A.; FITA, H. C. **A Motivação em Sala de Aula**. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

VYGOTSKY, L. S. O Papel do Brinquedo no Desenvolvimento. In: VYGOTSKI. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Ícone-Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

ZANELLA, L. C. H. Aprendizagem: uma introdução. Em J. La Rosa (Org.), **Psicologia e Educação**: o significado do aprender. Porto Alegre: EIPUCRS, 1997.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de estudo e de pesquisa em administração**. 2ª edição
Reimpressão. Departamento de Ciências da Administração. Florianópolis: UFSC, 2012.

SCREENCAST: TDIC PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM

Jussara Candida Correia de Oliveira Farias

Patrícia Kelle Dias do Nascimento

RESUMO

As Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) chegam até nós trazendo meios e práticas cada vez mais atrativos, como treinamento, concentração, memorização, entre outros. Estamos intimamente ligados ao som, à imagem e aos aparelhos multimidiáticos. Na sala de aula, temos a oportunidade de transformar essas ferramentas em recursos pedagógicos de excelência para nossas atividades. Com as TDIC, podemos acessar diversos recursos educacionais, os quais podem ser instalados em dispositivos para oferecer suporte ao nosso dia a dia. Atividades como aprender um novo idioma, jogar e consultar a previsão do tempo podem facilitar o desenvolvimento escolar. Além disso, podemos colocar em prática os objetivos da aprendizagem e os objetos do conhecimento com o auxílio do celular e da internet. Criar, compartilhar e inovar são características dessa geração de leitores ubíquos, como aponta Santaella (2013), que estudam, pesquisam, constroem e publicam a qualquer momento, conforme seus interesses, por meio de dispositivos móveis. O recurso Screencast reúne as características desses leitores contemporâneos. Trata-se de uma tecnologia baseada em software que permite a gravação da tela do dispositivo e da voz, tanto no computador quanto no celular, abrindo espaço para a criatividade dos produtores. Esse recurso oferece condições para o desenvolvimento de materiais alinhados às práticas atuais das redes sociais, do YouTube e de outras plataformas. O objetivo deste trabalho é apresentar o recurso Screencast, desenvolvido para fins educativos por estudantes do ensino médio de uma escola pública. Fundamentamos nossa pesquisa nos estudos de Fava (2014), Lévy (2015), Gee (2009), Mattar (2010) e Prensky (2001), que exploram perspectivas educacionais e os recursos digitais emergentes na sociedade, buscando um diálogo entre a escola e o uso das tecnologias. A cultura maker adotada nesta proposta busca envolver os estudantes e, ao mesmo tempo, dar-lhes autonomia na criação de materiais digitais, incentivando a responsabilidade, a criatividade e o respeito pela produção do outro, conforme Gee (2009). Assim, nosso objetivo é proporcionar atividades que integrem o uso dos dispositivos digitais, os conteúdos da sala de aula, o protagonismo dos estudantes e a colaboração entre eles.

Palavras-chave: *Screencast*; TDIC; Ensino e Aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Estamos cada vez mais motivados a trabalhar com inúmeros recursos simultaneamente. O mundo está, a cada dia, mais em sincronia com as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC). Seja na escola, no banco, no hospital ou nos mais variados ambientes de trabalho, essas ferramentas desempenham um papel fundamental no nosso dia a dia. No ambiente escolar, os recursos digitais estão intrinsecamente ligados ao processo de ensino-aprendizagem, tornando-se auxiliares indispensáveis, independentemente da disciplina.

É importante destacar que muitas das ferramentas utilizadas atualmente na escola foram, primeiramente, implementadas em outros contextos e só posteriormente inseridas na sala de aula. Esse processo gerou — e ainda gera — diferentes reações, sendo aceito por alguns e rejeitado por outros grupos de professores, pais e alunos. No entanto, a escola precisa se adaptar a essas transformações que ocorrem na sociedade, assim como a própria sociedade constrói sua evolução tecnológica por meio das TDIC (GABRIEL, 2013).

Um dos fatores que impulsionam a presença dessas tecnologias no ambiente escolar é o avanço dos dispositivos portáteis. As constantes inovações do mercado digital facilitam tanto a aquisição quanto o uso de ferramentas móveis. O que antes era realizado apenas em casa agora pode ser feito também na escola, despertando o interesse de professores e estudantes e promovendo um ambiente de colaboração.

No Brasil, ainda enfrentamos desafios quanto à disponibilidade desses recursos na escola, especialmente no setor público. A oferta de equipamentos por parte das prefeituras, dos governos estaduais e do governo federal ainda é insuficiente, o que gera uma disparidade entre o acesso às TDIC por alunos da rede pública e da rede privada. No entanto, não há possibilidade de retrocesso. Mesmo com um número maior de alunos por equipamento na rede pública, é possível realizar atividades síncronas e assíncronas, uma vez que os estudantes estão inseridos na cultura digital (PRENSKY, 2001).

Os desafios enfrentados por docentes e discentes são significativos, mas a adaptação e o uso das TDIC na sala de aula não podem ser desacelerados. Sendo nativos digitais (PRENSKY, 2001), os estudantes brasileiros precisam estar inseridos nesse processo para se

prepararem adequadamente para os exames de ingresso nas universidades, para o mercado de trabalho e para os estudos no ensino superior. A educação digital não deve ser um problema no ensino público brasileiro, mas sim parte da solução. A resistência ao seu uso na escola pode gerar impactos negativos, especialmente para os alunos em situação de vulnerabilidade. Dessa forma, é fundamental que a escola e as políticas públicas desenvolvam projetos e disponibilizem recursos que contemplem essa necessidade.

A produção de screencasts, podcasts, vídeos, tutoriais, cartilhas, entre outros materiais, pode ser uma grande aliada no desenvolvimento profissional dos docentes e na consolidação da educação digital no Brasil.

A produção de *screencasts*, *podcasts*, vídeos, tutoriais, cartilhas, entre outros recursos, podem ser grandes aliados no desenvolvimentos dos docentes brasileiros e a educação digital.

2 A INFLUÊNCIA DOS RECURSOS VIRTUAIS NA ESCOLA

Por séculos, a escola funcionou com equipamentos analógicos. O corpo docente não esperava uma transformação tão rápida e impactante como a que vivemos atualmente. Embora as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) não tenham sido originalmente desenvolvidas para fins educacionais, elas chegaram até a escola.

Inicialmente, essas tecnologias foram implementadas nos serviços burocráticos e nas secretarias, com o objetivo de facilitar e otimizar a gestão escolar. Posteriormente, passaram a ocupar as salas de aula, tornando-se grandes aliadas dos recursos didáticos. Com isso, a mobilidade do virtual se expandiu ainda mais por meio da internet, dos dispositivos móveis e da conexão via *Wi-Fi*, consolidando seu espaço no ambiente educacional.

Para Levy,

As linguagens humanas virtualizam o tempo real, as coisas materiais, os acontecimentos atuais e as situações em curso. Da desintegração do presente absoluto surgem, como as duas faces da mesma criação, o tempo e o fora-do-tempo, o anverso e o reverso da existência. Acrescentando ao mundo uma dimensão nova, o eterno, o divino, o ideal têm uma história. Eles crescem com a complexidade das linguagens. Questões, problemas, hipóteses abrem buracos no aqui e agora, desembocando, do outro lado do espelho, entre o tempo e a eternidade, na existência virtual (Levy, 1996, p. 73).

Com a expansão da linguagem virtual, a comunicação digital torna-se cada vez mais presente, útil e atrativa para os alunos da atualidade. A cultura contemporânea, que, segundo Santos e Weber (2013), acelera essa dependência comunicativa por meio dos recursos digitais,

acaba exigindo da escola um modelo de comunicação semelhante ao que é desenvolvido na sociedade.

Estamos tão conectados ao mundo virtual que se torna difícil nos desconectar. Pessoas e informações estão intrinsecamente moldadas por esse novo contexto, o que desperta questionamentos sobre a adaptação dessas ferramentas ao ensino (Santos e Weber, 2013).

Ainda conforme as autoras,

Desenvolver práticas educativas associadas às tecnologias digitais em rede é um desafio que se coloca, uma vez que ter acesso a essas tecnologias não é suficiente, é preciso saber como usá-las para promover situações de aprendizagem e ensino (Santos e Weber, 2013, p. 44).

As autoras destacam a importância do planejamento das atividades diante da imersão nessas novas formas de comunicação virtual, que tanto enriquecem as aulas atuais. No entanto, as ferramentas, por si só, não suprem a necessidade de um planejamento bem elaborado nem garantem uma inclusão eficaz no espaço escolar. É fundamental considerar a proposta de ensino, a realidade dos sujeitos envolvidos e os recursos disponíveis para que, de fato, o digital e o virtual possam colaborar com o ensino e a aprendizagem tradicionais.

3 O DESENVOLVIMENTO DO RECURSO DIGITAL E O DIÁLOGO ENTRE PROFESSORES E ESTUDANTES

O diálogo na sala de aula entre professores e alunos quase sempre envolve as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC). Os estudantes da atualidade são considerados nativos da era digital e da comunicação síncrona (LORENZI, 2012). Entre os recursos disponíveis para eles estão computadores, celulares, *notebooks*, câmeras, *tablets* e diversos outros *gadgets*. Além desses dispositivos, há também as ferramentas que eles oferecem, como *e-mails*, *chats*, videoconferências, chamadas e muitos outros benefícios que utilizamos diariamente.

Estar apto a usar essas tecnologias como recurso escolar também auxilia na preparação para exames vestibulares, processos seletivos do mercado de trabalho, vida acadêmica, pessoal, profissional e social. A escola é o espaço propício para o desenvolvimento integral dos estudantes, e prepará-los para a vida faz parte do processo de ensino-aprendizagem. A cada dia, professores e alunos sentem a necessidade de incorporar os recursos digitais disponíveis na sociedade. O uso de som, imagem e movimento ganha cada vez mais espaço e torna-se essencial na formação contemporânea.

De acordo com Fava,

É claro que as novas tecnologias de sala de aula não são uma garantia de melhoria da experiência de aprendizagem. Há quem diga que as quinquilharias eletrônicas prejudicam a qualidade. Entretanto, com tantas possibilidades, com tantos paradigmas novos, seria inevitável que a metamorfose chegasse à educação das gerações Y e Z. Existe um enorme paradoxo para os educadores, pois o lugar onde as maiores transformações educacionais estão acontecendo não é a escola, e sim após a escola. É no mundo fora da escola que os jovens Y estão ensinando a si mesmos e uns aos outros - tudo que é importante e verdadeiramente útil sobre a realidade presente e futura. Depois da escola, ninguém diz para os jovens o que eles devem fazer para aprender. Eles buscam seus interesses e paixões, tornando-se *experts* no processo (Fava, 2014, p.74).

Concordamos com o pensamento do autor e destacamos o desafio de integrar os conteúdos às aulas, que, por sua vez, competem com as informações disponíveis na internet e nos recursos digitais, caracterizados por sua dinâmica e diversidade. A demanda dos estudantes pelo uso de recursos digitais é cada vez maior.

Não é incomum encontrarmos alunos que fazem relatos negativos sobre as aulas, ressaltando a necessidade de um ensino mais dinâmico. Eles esperam que os professores incorporem as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) em seus planos de ensino, proporcionando aulas síncronas e assíncronas, além de experiências virtuais e até imersivas.

Ainda segundo Fava,

Os jovens Y e Z querem aprender de forma diferente, pois absorvem informações de forma diversa. Se a geração X tem sua aprendizagem na sequência de texto, som e imagem, ou seja, pensa no texto como sua forma de comunicação primária e nas imagens como auxiliares, as gerações Y e Z aprendem de forma invertida, na sequência de imagem, som e texto. Dessa forma, um dos grandes desafios dos docentes 3.0 envolve o intervalo de atenção. Pedir para que um estudante Y ou Z sente e leia um livro durante horas pode ser quase inadmissível. Os docentes precisam passar conteúdo da maneira como eles estão acostumados a digerir. Eles querem formas de aprendizagem que sejam significativas, formas que lhes façam ver, imediatamente, que os momentos que são gastos em sua educação formal são valiosos, que os docentes fazem bom uso da tecnologia, que eles acessam e conhecem (Fava, p. 74).

Concordamos com o pensamento do autor e destacamos o desafio de integrar os conteúdos às aulas, que, por sua vez, competem com as informações disponíveis na internet e nos recursos digitais, caracterizados por sua dinâmica e diversidade. A demanda dos estudantes pelo uso de recursos digitais é cada vez maior. Não é incomum encontrarmos alunos que fazem relatos negativos sobre as aulas, ressaltando a necessidade de um Ensino mais dinâmico. Eles esperam que os professores incorporem as Tecnologias Digitais

da Informação e da Comunicação (TDIC) em seus planos de ensino, proporcionando aulas síncronas e assíncronas, além de experiências virtuais e até imersivas.

Ainda segundo Fava,

Processos de aprendizagem abertos significam processos espontâneos, assistemáticos e mesmo caóticos, atualizados ao sabor das circunstâncias e de curiosidades contingentes. O advento dos dispositivos móveis intensificou esses processos, pois, graças a eles, o acesso à informação tornou-se livre e contínuo, a qualquer hora do dia e da noite. Dispositivos móveis são definidos como qualquer equipamento ou periférico que pode ser transportado com informação que fique acessível em qualquer lugar. São eles, palms, lap-tops, i-pads, até mesmo os pendrives e, certamente, os celulares multifuncionais, tais como smart-phones e i-phones. Por meio desses dispositivos, que cabem na palma de nossas mãos, à continuidade do tempo se soma a continuidade do espaço: a informação é acessível de qualquer lugar. Os artefatos móveis evoluíram nessa direção, tornando absolutamente ubíquos e pervasivos o acesso à informação, a comunicação e a aquisição de conhecimento (Santaella, 2013, p. 21).

Assim, a pesquisadora apresenta o movimento que ocorre com a chegada dos dispositivos à sala de aula e faz observações pertinentes ao destacar que, mesmo com equívocos no uso desses recursos, não podemos ignorar sua contribuição. Aprendemos por meio da prática e da vivência de novas experiências.

Os estudantes da geração dos dispositivos móveis são chamados de **leitores ubíquos** por Santaella (2013), pois pertencem a uma era que integra texto, som e movimento à leitura, ampliando as formas de interação com o conhecimento.

4 O LEITOR UBÍQUO E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO SCREENCAST

Como já mencionamos a definição de "leitor ubíquo", agora vamos destacar a importância das outras fases que levaram ao surgimento dessa geração. Segundo Santaella (2013), os leitores, ao longo dos anos, passaram por quatro fases para alcançar as características dos nativos digitais, termo cunhado por Prensky (2001/2012). Essas fases são: contemplativa, movente, imersiva e ubíqua. A última fase adquire esse perfil devido às transformações no ser humano, o nativo digital, e suas habilidades de leitura.

Hoje, somos impulsionados pelas nossas necessidades. Quando buscamos uma definição, fazemos uma compra ou entramos em contato com alguém, recorremos aos recursos digitais. São várias as formas de comunicação que estão se tornando completamente digitais ou híbridas. Há uma necessidade dos nativos digitais de atualizar sua vida por meio dessas ferramentas.

Para Santaella (2013, p. 23), “por permitir um tipo de aprendizado aberto, que pode ser obtido em quaisquer circunstâncias, a era da mobilidade inaugurou esse fenômeno inteiramente novo: a aprendizagem ubíqua”. Essa forma de aprendizagem se distingue das outras, mas ao mesmo tempo incorpora características delas, pois possibilita a leitura, a contemplação e o movimento. O leitor ubíquo é, portanto, o principal beneficiário dessa total liberdade.

Ainda de acordo com a autora,

Antes de tudo, é preciso considerar que o surgimento histórico de um novo tipo de leitor com os processos cognitivos que ele traz não leva os anteriores ao desaparecimento. Cada um deles aciona habilidades cognitivas específicas de modo que um não pode substituir o outro. Cada um deles contribui de modo diferencial para a formação de um leitor provido de habilidades cognitivas cada vez mais híbridas e cada vez mais ricas. Em função disso, tenho também argumentado que, não obstante as mutações que a emergência do leitor imersivo e agora a do leitor ubíquo estão trazendo para os processos educativos em todos os seus níveis – pedagógico e didático, curricular, de formação docente e discente e também político –, por mais relevantes que possam ser as experiências inovadoras de incorporação das redes sociais nos processos de aprendizagem, o maior desafio da educação hoje, em todos os seus níveis, dos elementares aos pós-graduados, é o da criação de estratégias de integração dos quatro tipos de leitores, contemplativo, movente, imersivo e ubíquo, ou seja, estratégias de complementação e não de substituição de um leitor pelo outro (Santaella, 2013, p. 26).

A partir das reflexões sobre os diferentes tipos de leitores da atualidade, iniciamos o processo de elaboração da ferramenta *ScreenCast*, que surge do diálogo com os estudantes do ensino médio de uma escola estadual da Paraíba. A ideia surgiu da necessidade de dinamizar a aula e propor aos alunos uma abordagem mais interativa, que os incentivasse a usar suas próprias habilidades para aprender por meio da prática.

Seguindo o pensamento de Fava (2014, p. 190), “É verdadeiro que a escola é uma instituição que, há 5 mil anos, se funda no falar/ditar do docente, nos escritos alfarrábios do discente e, há quatro séculos, no uso moderado de material didático impresso”. Com essa reflexão em mente, iniciamos o processo de inclusão dos estudantes, especialmente no que diz respeito à produção de ferramentas pedagógicas dentro da sala de aula, buscando uma nova maneira de realizar a educação dos alunos.

Com esse processo, os estudantes se sentiram mais confiantes e motivados a iniciar as buscas na internet, explorar programas de apresentação e pesquisar sobre ferramentas para gravação de voz e da tela do dispositivo.

Ainda segundo Fava (2014, p. 179), “A prática da exploração e busca de conhecimento modifica o comportamento do ensino e aprendizagem. Exige-se dos estudantes uma boa dose de independência.” Foi com essa ideia em mente que lançamos a proposta de

elaboração do material, unindo o conhecimento científico do professor e o conhecimento prévio dos estudantes. Com esse projeto de aula, conseguimos obter bons resultados, despertando nos envolvidos o protagonismo e a autonomia nos trabalhos escolares.

De acordo com Fava,

Na vida cotidiana, somos sempre guiados por objetivos. Entretanto, estes não se realizam por osmose; é necessária atuação efetiva e organização da sequência de ações para atingi-los. O professor, ao provocar e estimular o processo de ensino-aprendizagem, utiliza intencionalmente um conjunto de ações, desafios, passos, condições externas e procedimentos que denominamos método de ensino. A escolha do método depende, em primeiro lugar, do contexto, das circunstâncias, dos objetivos da educação (Fava, 2014, p. 181).

Consideramos as reflexões do autor e estruturamos uma sequência de estímulos nas atividades propostas aos estudantes. Como resultado dessas ações, os estudantes elaboraram a ferramenta Screencast. A seguir, apresentamos o esquema e a execução do recurso.

QUADRO 1: FORMATAÇÃO E USO DA FERRAMENTA PEDAGÓGICA *SCREENCAST*

Passo a passo da execução	Agentes da ação
Seleção do conteúdo da aprendizagem	Professor e estudantes
Objetivos	Professor e estudantes
Seleção do recurso de gravação da tela do dispositivo e voz	Estudantes
Elaboração dos slides com o conteúdo da aprendizagem e imagens ilustrativas	Estudantes
Gravação (recurso de gravação, slides, conteúdos)	Estudantes
Apresentação do trabalho	Estudantes
Avaliação	Professor e estudantes

Fonte: autora, 2022.

Na realização da atividade, o educador atua como mediador, membro fundamental do processo de ensino e aprendizagem. Como a proposta foi elaborada pelos próprios estudantes, o professor desempenhou o papel de facilitador, conduzindo o processo e estimulando a avaliação e autoavaliação. A desafiadora escolha de quebrar paradigmas antigos e envolver os alunos em todo o planejamento das atividades traz novas reflexões sobre a educação nos dias

de hoje. Com o resultado positivo da ação descrita no quadro acima, confirmamos o que já esperávamos: estudantes engajados, curiosos e inseridos no ambiente de produção.

Para Fava (2014, p. 185), “Novas formas de pensar, conviver, ensinar e aprender estão sendo elaboradas no mundo da informática e da comunicação”. Faz parte do nosso trabalho levar os recursos oferecidos pela sociedade para a sala de aula e envolver os estudantes na prática dessas ações. Esta geração demanda atividades mais ativas, com a colaboração de todos. A troca de saberes é essencial na construção do conhecimento.

Para Mattar (2010), não podemos recuar diante dessa recente demanda por materiais digitais na educação. O uso de estratégias baseadas em jogos e tecnologias, quando integrados às propostas pedagógicas, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento das aulas e o desempenho dos estudantes (Menezes, 2013).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) têm colaborado com a sociedade e, conseqüentemente, chegaram à escola. Inicialmente, essas tecnologias eram associadas a dispositivos fixos, mas agora estão ao alcance dos estudantes na palma da mão, como é o caso dos celulares, *tablets*, entre outros.

Aprender a utilizar esses recursos para fins educacionais é desafiador, mas é fundamental que nos capacitemos para proporcionar aos estudantes uma educação alinhada aos tempos atuais, conforme apontado por Moreira e Januário (2014). As ferramentas digitais colaboram para o desenvolvimento dos estudantes e, na sala de aula, tornaram-se peças-chave.

As TDIC oferecem uma variedade de recursos, frequentemente reunidos em um único aparelho, como som, imagem, interação online e a instalação de softwares que possibilitam a realização de diversos trabalhos.

REFERÊNCIAS

GABRIEL, M. **Educar: a (r) evolução digital na educação**. São Paulo: Saraiva, 2013.

GEE, James Paul. Bons videogames e boa aprendizagem. **Perspectiva, Periódicos da UFSC**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-11, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175795X.2009v27n1p167/14515> Acesso em: 23 set. 2017.

FAVA. Rui. **Educação 3.0**. 1.ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. Tradução de Paulo Neves. 1. ed. São Paulo: 34, 1996.

LORENZI, Gislaine Cristina Correr; PÁDUA, Tainá-Rekã Wanderley de. Blog nos anos iniciais do fundamental I: a reconstrução de sentido de um clássico infantil. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012. p. 35-54.

MATTAR, João. **Games em educação: como os nativos digitais aprendem**. 1. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

MENEZES, Janaína. **Jogos sociais digitais como ambiente de aprendizagem da língua inglesa, Brasil**. 2013. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2013.

MOREIRA, José António; JANUÁRIO, Susana. Rede sociais e educação reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edmea (Orgs.). **Facebook e Educação Publicar, curtir, compartilhar**. 1. ed. Campina Grande: EDUEPB, 2014. p. 67-84.

PRENSKY, Marc. **Aprendizagem baseada em jogos digitais**. Tradução de Eric Yamagute. 1. ed. São Paulo: Editora Senac, 2012.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. MCB University Press, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>>. Acesso em: 06 de março de 2017.

SANTAELLA, Lúcia. **Desafios da ubiquidade para a educação**. Ensino Superior Unicamp, 2013. Disponível em: <<http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao>>. Acesso em: 06 de março de 2017.

SANTOS, Edmea; WEBER, Aline. **A criação de atos de currículo no contexto de espaços intersticiais**. Teccogs n. 7, 156 p, jan.-jun, 2013. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2013/edicao_7/3-criacao_de_atos_decurriculo_em_espacos_intersticiais-edmea_santos-aline_weber.pdf>. Acesso em: 06 de março de 2017.

**PROJETO DE INCENTIVO A LEITURA: UMA EXPERIÊNCIA NA ESCOLA
PÚBLICA DE JOÃO PESSOA- PB**

Aldenice Auxiliadora de Oliveira – UFPB

Edilene Araújo Firminio da Silva

Rosilene Félix Mamedes

RESUMO

A leitura é importante instrumento para o desenvolvimento do indivíduo, através da prática de leitura que é possível formar cidadão críticos sendo capaz de interagir, opinar e participar das decisões que interferem em sua vida, construindo saberes, atitudes. Pretendemos com esse trabalho relatar a experiência da implantação e desenvolvimento do projeto de incentivo a leitura “Ler é voar no mundo da imaginação” em uma escola pública da rede municipal de João Pessoa/PB. O intuito fortalecer o ensino com leitura literária, voltados aos estudantes que estão nos anos iniciais do ensino fundamental. Dessa forma o trabalho traz reflexões sobre o processo de formação do leitor e a importância do letramento literário no processo de formação dos alunos. Ressaltamos a importância das práticas diferenciadas para o envolvimento dos estudantes nas ações com leitura. O trabalho tem por objetivo relatar a experiência exitosa desenvolvida com os alunos durante o ano letivo de 2022 na Escola Municipal Cicero Leite, com a finalidade de estimular o hábito de leitura e escrita nos alunos como também desenvolver as competências leitoras dos alunos. Por tratar-se de um relato de experiência a metodologia desse estudo é descritiva que passar a ser apresentado posteriormente no desenvolvimento do trabalho. Este trabalho está fundamentado sobre a luz dos pressupostos teóricos de Colomer (2007), Cosson (2018), Freire (1998), Zilberman (2004), PCN’s (2001), Soares (2006), entre outros, que discutem o processo de aprendizagem por meios de textos literários.

Palavras-chave: Ensino. Leitura Literária. Formação do leitor.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, cada vez mais exige do leitor habilidades que desencadeiem competência leitora, tendo em vista que essa ferramenta é essencial nas vidas das pessoas, utilizamos a leitura em diversas atividades do cotidiano, dessa forma essa relação entre leitura/escrita se torna indispensável no ensino. O contato com diversos textos literários proporciona o desenvolvimento do leitor, pois proporciona aos mesmos uma interação com o texto, levando os leitores a capacidade de ressignificar sua leitura. Dessa forma, consideramos relevante abordar a literatura indígena na escola, tendo em vista que apresentam culturas diferentes, que faz parte da formação do povo brasileiro.

Após a implementação da Lei 11.645/2008 em que tornou obrigatória a presença das temáticas afro-indígenas no currículo escolar da educação básica de todo país, conseguimos encontrar nas bibliotecas das escolas públicas obras de autoria indígena para um trabalho significativo em sala de aula em que prevaleçam os estudos da cultura e história desses povos que são tão importantes para nossa sociedade.

Nesse sentido, esse projeto foi desenvolvido na Escola Comendador Cícero Leite, situada no município de João Pessoa, com alunos dos anos iniciais e fundamental I. Buscamos desconstruir estereótipos presente na sociedade. Para tanto, destacamos a importância dos povos afro-brasileiros e indígenas na nossa sociedade, que se faz presente desde o período colonial, essa rica diversidade faz parte da nossa cultura e história. Reconhecendo que a escola é um ambiente de convivência da diversidade, faz necessário um trabalho que vise combater o racismo, à discriminação e respeito à diversidade. Visamos ampliar este horizonte para a diversidade étnica, histórica, cultural, social e econômica em nosso país. Acreditamos que trazer essa rica cultura para sala de aula é dar visibilidade e significado às lutas destes povos que foram tão renegados. Dessa forma, buscamos contribuir com a construção de caminhos significativos para o ensino com a diversidade cultural na educação básica, buscando aproximar os alunos a essa cultura, levando a conhecer a rica diversidade presente na nossa sociedade.

O projeto de leitura surgiu a partir das observações realizadas na escola em que atuava, tendo em vista que os alunos chegam ao 2º ano sem ter adquirido a proficiência leitora, dessa forma, gera a preocupação de como esses alunos irão para o 3º ano sem ter adquirido as habilidades necessária que deveriam ser consolidadas no ciclo de alfabetização, e que de certa forma foram interrompidas, tendo em vista que passamos pelo período remoto, e esses alunos foram prejudicados em relação às suas habilidades e competências para a

proficiência leitora. Muitos alunos não tiveram acesso às aulas por diversos fatores, entre esses a falta de recursos tecnológicos. Assim faz necessário pensarmos em estratégias que venham sanar parte dessas dificuldades, buscando despertar nos pequenos leitores o gosto e o hábito pela leitura. Visamos desenvolver um trabalho contínuo durante o ano letivo que favoreça a aprendizagem do aluno em que estimule e incentive o hábito de leitura. De acordo com SOLÉ (1998), [...] “A leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada”. Assim, percebemos que, apenas saber ler não é o suficiente, é preciso saber e fazer uso social de ambas as modalidades, pois uma pessoa letrada é capaz de reconhecer e interpretar um texto de acordo com seus conhecimentos a partir de suas experiências de mundo. Dessa forma, elencamos os seguintes objetivos:

Objetivo Geral: desenvolver um trabalho contínuo durante todo o ano letivo de incentivo a leitura, que visem formar leitores por meio das vivências com a literatura indígena.

Objetivos específicos:

- Despertar o prazer pela leitura;
- Estimular o conhecimento cognitivo e criativo do aluno;
- Promover estratégias para o desenvolvimento da leitura;
- Desenvolver o hábito e apreciação pela leitura de forma espontânea e prazerosa através do contato direto com diversos tipos de livros e textos.

Os objetivos nos direcionam para a busca de soluções diante das situações e desafios encontrados nas turmas dos 2º anos do ensino fundamental, tentando mergulhar os educandos no mundo da leitura, estimulando os diversos aspectos do seu desenvolvimento, como o socioemocional e o cognitivo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A literatura é parte essencial no processo de aprendizagem na fase da alfabetização e na formação do indivíduo, pois proporciona as crianças à oportunidade de ampliar e enriquecer suas vidas. Dessa forma podemos dizer que essa literatura contribui na constituição do leitor e no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Segundo Coelho:

A literatura infantil é antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização. (2000, p. 27).

A literatura permite que o pequeno leitor tenha contato com diversos textos, é por meio da leitura que os mesmos têm o contato com o mundo social, a literatura proporciona as crianças vivências diferentes e sentimentos do mundo no qual está inserido, por isso tornasse uma ferramenta indispensável para o seu desenvolvimento. O contato das crianças com os textos literários desde pequenos, antes mesmo de decifrarem o código, contribui para que desde a infância tenham um maior interesse em aprender a ler o código como também atribuir sentido ao que está lendo. De acordo com Freire (2006):

O ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade (Freire, 2006, p.22).

Dessa forma podemos compreender que ler não é apenas decodificar códigos linguísticos, mas compreendê-los de forma que no momento da leitura sejamos capazes de formar um significante, ou seja, no momento da leitura consigam debater, demonstrar o que sabe e o que pensa sobre o assunto, mostrando seu ponto de vista. Por isso esses momentos devem ter um planejamento prévio por parte do mediador para que seja uma leitura prazerosa e jamais encarada como uma obrigação pelo aluno.

A escola deve ser um dos maiores incentivadores para e desenvolver o gosto pela leitura, em muitos casos o ambiente escolar é o único lugar que os alunos têm o contato com a literatura. Precisamos considerar que esse momento da leitura em sala de aula necessária na vida dos estudantes, faz necessário que a escola ofereça condições para que as crianças a partir dos textos literários desenvolva a leitura, mas também a fruição, criatividade, imaginação e as competências necessárias para sua formação. Segundo Souza (2004): [...] a escola, por ser estruturada com vistas à alfabetização e tendo um caráter formativo, constitui-se num ambiente privilegiado para a formação do leitor, [...] a escola, mesmo com suas limitações, mantém-se como espaço reservado à iniciação da leitura. (SOUZA, 2004, p. 63).

Assim o ensino das crianças deve partir de um trabalho pedagógico que possibilite que aos alunos desenvolvem as suas habilidades, quando a criança tem acesso ao mundo da leitura ela busca sempre novos textos, fazem novas descobertas no qual possibilita que elas desenvolvam as competências necessárias, ampliando sua compreensão de si e do mundo ao seu redor tornando sujeitos ativos diante da sociedade. Desse modo, a leitura leva os alunos a ampliar seu conhecimento tornando sujeitos críticos e autênticos na sociedade, capaz de interagir com as múltiplas possibilidades da língua em uso real.

No momento em que a leitura literária adentra e é explorada no espaço escolar, sobretudo em sala de aula, cabe, portanto, um planejamento prévio de responsabilidade do professor. Os estudos de Solé (1998), bem como de Giroto e Souza (2010), ao apontarem como caminho os momentos antes, durante e depois da leitura. A base dos estudos está na metacognição que de acordo com Pressley (2002 apud GIRROTO; SOUZA, 2010), é o conhecimento sobre o processo do pensar e que, por sua vez, leva a compreensão do texto. Os estudos de Souza e Giroto (2010) nos apresenta um conjunto de estratégias a serem utilizadas pelos mediadores que está centrado nas conexões, inferências, visualização, síntese, sumarização. Essas estratégias são importantes para formação do leitor autônomo e competente. De acordo com as autoras, as conexões é o momento da leitura em que podemos fazer conexões com as nossas experiências pessoais, para uma melhor compreensão, ou seja, quando não temos conhecimento sobre um determinado tema certamente surgirão dificuldades na hora que realizamos a leitura. Os estudos de Souza e Giroto (2010) apontam que há três tipos de conexões possíveis: as de texto para texto, os que relacionam com outro texto; as de texto para o leitor que relaciona com a própria vida e por fim, as conexões texto-mundo. Todas as estratégias são importantíssima para o entendimento do texto literário.

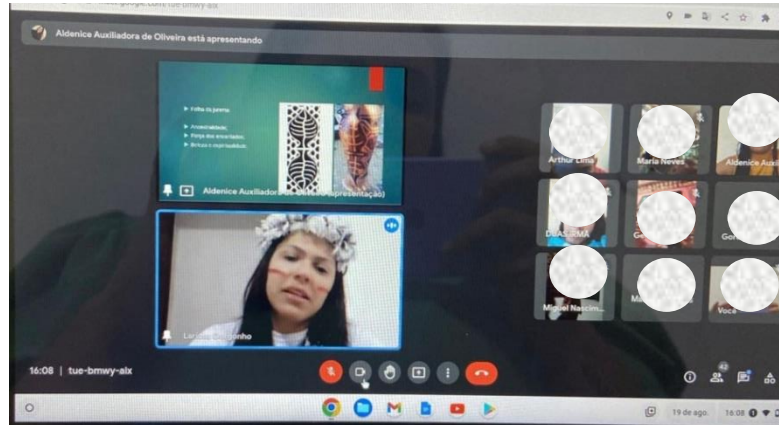
3 METODOLOGIA

A leitura literária é uma ferramenta que contribui para a formação humanizadora dos sujeitos, para a prática utilizamos as estratégias de leitura de Giroto e Sousa (2010), e a prática de letramento literária, usamos a sequência básica proposta por Cosson (2006). O autor propõe quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

1º PASSO: PRESENÇA INDÍGENA NA ESCOLA

Iniciamos nosso projeto com a participação da Professora indígena Larissa, proporcionamos aos nossos estudantes um pouquinho da vivência da comunidade indígena Potiguara localizada no litoral da Paraíba, na qual os nossos alunos tiveram subsídio para as suas próximas criações quando relacionada à cultura indígena de forma ética, estética e responsável.

Imagem 1 - acervo da pesquisadora (Oliveira, 2022)



2º PASSO: GRAFISMOS E ANCESTRALIDADE

A professora indígena Larissa nos explicou que, para os indígenas pintar seu corpo é uma forma de expressar os mais delicados valores. Cada grafismo é a identidade dos povos e, por meio delas, podemos identificar também à qual etnia pertence. Dessa forma realizamos junto com os alunos pintura de tela, grafismo nas pulseiras, levamos os pigmentos naturais, o urucum e o jenipapo. Apresentamos alguns grafismos potiguaras, fazendo a relação entre as imagens aos seus reais significados e usos. As principais pinturas potiguara são:

- Colmeia: união do povo e igualdade;
- Folha da jurema: ancestralidade, força dos encantados, beleza e espiritualidade;
- Salamanta: esperteza, beleza, força da natureza;
- Coral: defesa do território; respeito e sabedoria.

Imagem 2: acervo (Oliveira, 2022)



Imagem 3: acervo (Oliveira, 2022)



3° PASSO: ARGILA E A ARTE INDÍGENA

A atividade prática ocorreu no espaço externo a sala de aula, foi exposto algumas imagens de artesanatos produzidos pelos povos originários, em seguida foi realizado as produções de tigelas com grafismos indígenas trabalharam assim também as habilidades sensoriais e motoras dos estudantes. Levamos os alunos a compreender a importância dos artesanatos para os povos indígenas, como as pinturas eram produzidas de maneira natural, foi explicado que cada povo tem suas formas de se expressar através da “arte”.

Imagem 4: acervo (Oliveira, 2022)



Imagem 5: acervo (Oliveira, 2022)



4° PASSO: LITERATURA DE AUTORIA INDÍGENA

Nesse momento, fomos construindo a definição de elementos que caracterizam a constituição de um povo: população, elementos culturais como língua, hábitos, religião, organização política e social, etc. Para fazer isso, organizamos as obras literárias com alguns instrumentos voltados aos povos originários. Os instrumentos apresentados foram (cocar, maracá, pigmentos naturais, pilão, cabaço, entre). Também trabalhamos diversas obras de autoria indígenas dentre elas, utilizamos os autores: Krenak (2018), Graça Graúna (2013), Daniel Munduruku (2017, 2020), os mitos relatados dos potiguaras que vivem no vale do Mamanguape e que foram registradas sob organização de Cássio Marques (2006) presentes na cartilha Lendas e causos do povo potiguara.

Imagem 5: acervo da pesquisadora (Oliveira, 2022)



4 CRONOGRAMA

Elaboração de um projeto como este exige organização. Por isso, todas as etapas do projeto foram pensadas a fim de torná-lo exequível. A organização do projeto ocorreu durante o mês de fevereiro a dezembro de 2022. Os profissionais promoveram momentos de reflexão e planejamento, para pensar e definir, por exemplo, objetivos, justificativa, fundamentação teórica, metodologia e ações a serem implementadas. Em março, a equipe de coordenadores pedagógicos se dedicou à redação do documento. Ainda em março, os professores dos 2º anos assumiram a responsabilidade de explicar às turmas de 2º ano A, B, C e D que o projeto seria desenvolvido. Sobre as atividades a serem realizadas em sala de aula, cada professor utilizará momentos de seu horário de planejamento para elaborá-las. Entre os meses de fevereiro a junho será executada a primeira etapa. O projeto foi desenvolvido semanalmente, durante as aulas, iniciando nas sextas feiras, nas primeiras aulas do dia. Em julho, aproveitamos o período que antecede o recesso escolar para reunir professores e alunos e fazer a primeira avaliação do projeto. A partir disso, foi possível repensá-lo para o segundo semestre.

5 RESULTADOS E DISCURSÕES

A partir das atividades desenvolvidas em sala de aula identificamos que o conhecimento que as crianças tinha no início do projeto ela bem distante da realidade dos povos originários, ou seja o indígena ainda era visto na perspectiva eurocêntrica, vinculada ao poder do colonizador.

Depois da aplicação do projeto verificamos que as crianças ampliaram o conhecimento sobre a cultura dos povos originários e iniciaram um rompimento aos estereótipos pré determinado imposto pela sociedade em relação a cultura desses povos, dessa forma, os alunos passaram a ver de fato quem são os povos originários e sua importância para a sociedade, acreditamos que essa proposta vem fortalecer e estimular à valorização e ao reconhecimento de suas próprias origens.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos esse projeto percebendo a importância de se trabalhar com a leitura que circulam no convívio social dos alunos, uma vez que é através dessa prática que a criança está apta a criar um entendimento crítico diante ao mundo à sua volta. A leitura e os seus vários significados vêm em grande parte relacionada ao conhecimento de mundo que o leitor adquire em sua vida, como também através dos vários textos que o circulam em seu convívio social. No decorrer do projeto, notamos que trabalhar com a leitura em sala de aula que são voltados ao contexto social dos alunos possibilita que eles tenham um maior interesse pela leitura. Essa prática está diretamente ligada a reconhecer-se como ser ativo capaz de decifrar não apenas palavras, mas também seu autoconhecimento e senso crítico diante aos diversos aspectos sociais que estamos expostos cotidianamente.

Portanto entendemos que o gosto pela leitura é adquirido ao longo de um constante apoio do professor. A prática da leitura realizada pelas crianças é feita por meio do intermédio do mediador. Dessa forma, conclui-se que devemos, enquanto professores da educação, criar possibilidades e momentos que contemple a leitura de maneira prazerosa, mostrando as crianças à importância que tem a leitura.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. Língua, texto e ensino: Outra escola possível. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. Leitura e escrita: uma visão mais produtiva. Letras de Hoje, Porto Alegre, v.23, n.2, p.51-58, jun.1988.

BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão; NEVES, Iara Conceição Bitencourt. **Hora do conto: da fantasia ao prazer de ler.** Porto Alegre: Sagra-DC Luzatto (1995).

BAJOUR, Cecília. Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

CHAMBERS, Aidan. **El ambiente de la lectura.** México: FCE, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil! Abertura para a formação de uma nova mentalidade. In: _____. Literatura infantil: teoria-análise-didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual.** Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

BRASIL. Secretária de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília. MEC. SEF, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** Brasília Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

_____. PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, D F, 23 dez. 1996: Prova Brasil 2008: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários Escritos. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil: História, teoria, análise. São Paulo: Ática, 1993.

_____. Literatura Infantil: Teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2002.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 46 ed. São Paulo, Cortez, 2006.

PRODANOV, Cleber, Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SOLÉ, I. Estratégias de leitura. Porto alegre: Artes médicas, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira. Leitura e alfabetização: a importância da poesia infantil nesse processo. In _____. Caminhos para a formação do leitor. Org. Renata Junqueira de Souza- 1. ed. – São Paulo: DCL, 2004.

“EVOCAÇÃO DO RECIFE” E “RECIFE MORTO”: UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E A CIDADE

Isabela Cristina Gomes Ribeiro da Silva¹

Adevaldo Francisco dos Santos

Rosilene Félix Mamedes

RESUMO

Sabe-se que o Modernismo foi um movimento estético rico em diversas áreas da arte, a exemplo da literatura, pintura e música. Além disso, esse encontro cultural teve um impacto histórico e cultural no Brasil, modificando, até os dias atuais, o que compreendemos e como criamos a arte, principalmente no que concerne à literatura. A par disso, e compreendendo que entre os elementos encontrados nesta literatura está a libertação artística, o regionalismo e a forte representação do cotidiano; este trabalho visa identificar como é construído a representação do cotidiano da cidade de Recife em dois poemas de dois poetas célebres do movimento, são eles: “Evocação do Recife” (1925), de Manuel Bandeira e “Recife morto” (1979), de Joaquim Cardozo. Em termos metodológicos, nos amparamos nos estudos de ARRIGUCCI JR (1990), ANDRADE (2002), entre outros.

Palavras-chave: Memória; Regionalismo; Literatura brasileira.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Modernismo foi um amplo movimento estético realizado no início do século XX. Cronologicamente, o Modernismo se consolidou na Semana de Arte Moderna, no ano de 1922, o evento contou com artistas de diversas áreas, a exemplo da literatura, pintura e

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tendo desenvolvido o Projeto de Iniciação Científica “Poemas para Marielle Franco: um locus de (r)existência na poesia paraibana de autoria feminina”, sob a orientação da Profa. Moama Marques. Membro do Grupo de Pesquisa CNPq/UFPB Laboratório de Estudos de Poesia (LEP). E-mail: isabelaribeirowork@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1398-3352.

música. Além disso, esse encontro artístico-literário teve um absoluto impacto histórico e cultural no Brasil, modificando até os dias atuais o modo como criamos e pensamos a arte. Dado que, havia uma necessidade de uma ruptura, de renovar a estética e formar uma nova identidade nacional menos romantizada e mais libertadora, “o modernismo no Brasil foi uma ruptura, foi um abandono consciente de princípios e de técnicas, foi uma revolta contra a inteligência nacional. É mais possível imaginar que o estado de guerra da Europa tivesse preparado em nós um espírito de guerra” (ANDRADE, 1942). Nesse contexto, encontramos grandes autores literários que se associaram ao movimento, a exemplo de Oswald de Andrade.

Pensando na profunda expansão poética que o movimento consagrou ao trazer para os versos dos poetas brasileiros o uso da linguagem popular brasileira, a ironia, a crítica, a representação do cotidiano, o regionalismo, enfim, a liberdade artística. Esse trabalho tem por intuito desenvolver uma análise interpretativa comparativa de dois poemas modernistas que trazem em seu eixo temáticas regionalistas, cotidianas e semelhantes, ambas vertentes são sobre a mesma cidade, como um retrato ou uma memória em versos. Os poemas escolhidos são “Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira e “Recife Morto”, de Joaquim Cardozo. Dessa forma, nosso interesse é analisar como e qual o recurso estilístico que os sujeitos poéticos utilizam para delinear a sua região natal nos dois poemas, promovendo assim um sentimento saudosista e nostálgico.

2 APRESENTANDO OS POETAS

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho foi um dos mais importantes poetas da primeira fase da estética Modernista, bem como um dos maiores nomes da poesia nacional. Filho do engenheiro Manuel Carneiro de Sousa Bandeira e de Francelina Ribeiro Bandeira, nasceu na cidade do Recife, Pernambuco, no dia 19 de abril de 1886. O poeta iniciou seus estudos no Recife, porém, aos dez anos de idade mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde concluiu o secundário. No ano de 1903, matriculou-se no curso de Arquitetura, em São Paulo, mas interrompeu a faculdade ao descobrir que tinha tuberculose, assim passou anos fazendo tratamento em busca da cura. Em 1913, foi para à Suíça, onde permaneceu até 1914, conseguindo sua recuperação física. Ao voltar para o Brasil, tornou-se inspetor de ensino e, logo após, professor universitário de Literatura. Seu primeiro livro publicado foi *A Cinza das Horas* (1917), com poemas ricos em influências parnasianas e simbolistas, marcados pela melancolia, dor e sofrimento. Só em 1930, se alinhou ao movimento moderno ao publicar o livro *Libertinagem*.

Na Semana de Arte Moderna, Bandeira enviou o poema “Os Sapos” para ser lido por Ronald de Carvalho, dado que o escritor não participou da Semana, de fato, Bandeira não se envolveu de modo explícito com o movimento modernista de São Paulo. No que se refere ao texto, o poema confronta o parnasianismo, criticando suas características. Entretanto, poesia não foi bem recebida pelos participantes do evento. Ademais, publicou *Ritmo Dissoluto* (1924), e, seis anos depois, sua obra mais madura e moderna, com temas de amor, morte, erotismo, solidão, angústia existencial, cotidiano e a infância, *Libertinagem* (1930) mostra a capacidade de o poeta de extrair beleza das coisas mais ínfimas do cotidiano. O poeta faleceu no Rio de Janeiro, no ano de 1986.

Apesar de ter vivido pouco em sua cidade natal, é evidente que Manuel Bandeira tinha bastante apego e admiração por Recife, tendo registrado em seus poemas lembranças vividas durante a infância na capital pernambucana. Além disso, Bandeira foi homenageado com uma estátua sua, localizada na rua da Aurora nas margens do Rio Capibaribe e a casa onde morou é hoje o centro cultural “O espaço Pasárgada”. Dessa forma, é notável a afeição entre poeta e cidade.

Joaquim Maria Moreira Cardozo, por sua vez, foi poeta, contista, crítico de arte, dramaturgo e engenheiro, nasceu em Recife, no dia 26 de agosto de 1897. Filho do professor José Antônio Cardozo e Elvira Morena Cardozo, seus pais eram humildes, tinham doze filhos, porém o primeiro faleceu em 1909. Contudo, apesar da carência financeira, Cardozo era “poliglota conhecedor de cerca de 15 idiomas; sintonizado, desde a juventude, com todas as inovações da ciência e da literatura; humanista permanentemente preocupado com as grandes questões brasileiras; poeta que utilizou recursos de uma temática regional sem desprender-se do sentimento de universalidade” (NORÕES. 2008, p. 11).

Em 1910, Cardozo e sua família se mudam para a cidade de Jaboatão, com isso os seus estudos se iniciaram na cidade de Recife. No que diz respeito a literatura, estreou com o conto “Astronomia Alegre”, em 1913. Um ano depois, publicou seus primeiros trabalhos como caricaturista e chargista, em edições do *Diário de Pernambuco* e *Diário da Tarde*. Ingressou na escola de engenharia de Pernambuco, porém, por vezes teve que interromper os estudos devido as suas condições financeiras, por isso levou cerca de 15 anos para concluir totalmente sua graduação.

Em 1940, mudou-se para o Rio de Janeiro após ser preso por medidas do Estado Novo. E, logo passou a exercer seu ofício no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e durante 12 anos trabalhou em parceria com o arquiteto Oscar Niemeyer, realizando os cálculos de vários edifícios de Brasília, entre os seus trabalhos estão: Palácio do

Planalto, Palácio da Alvorada e a Catedral Metropolitana. É evidente que seu trabalho como engenheiro foi bastante rico e importante para a arquitetura nacional. Como poeta, se envolveu com o modernismo, passando pelas fases modernistas de modo original e contemporâneo (SERRO, 2012, p. 12). Ademais, seus poemas foram escritos em 1925, mas demorou para que fossem publicados, encontramos na escrita do autor a presença da melancolia, da introspecção e do regionalismo. Contudo, apesar do talento tanto para os cálculos como para os versos, ainda são escassos os estudos para conhecer e analisar a sua obra. O engenheiro faleceu em Olinda, Pernambuco, no ano de 1978.

Portanto, é evidente que ambos os poetas têm em comum o dom poético, a vertente estética seguida e a cidade de nascença. A par disso, nosso interesse é investigar como é registrado no corpo do poema as vivências, memórias e o apego por Recife, qual recurso estilístico os sujeitos líricos utilizam para delinear a sua região natal que promove um sentimento saudoso e nostálgico.

3 ANÁLISE DOS POEMAS

“Evocação do Recife”, poema de Manuel Bandeira, foi escrito em 1925, por solicitação do escritor pernambucano Gilberto Freyre, como celebração ao centenário do “Jornal Diário de Pernambuco” (FREYRE, 1980, p. 76-77). A princípio, é válido salientar que esse poema retrata bem uma temática real e cotidiana, concerne de uma formação na qual cada elemento é uma extensão do que já foi vivido, do passado de um indivíduo poético que é também a capital. Ao todo são 80 versos, que nos introduzem a um ideal de vida simples, focado nas coisas pequenas. Leiamos os versos:

Evocação do Recife

Recife

Não a Veneza americana

Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais

Não o Recife dos Mascates

Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois —

Recife das revoluções libertárias

Mas o Recife sem história nem literatura

Recife sem mais nada Recife da minha infância

A Rua da União onde eu brincava de chicote-queimado e

[partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas

Totônio Rodrigues era muito velho o botava o pincenê na
 [ponta do nariz
 Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras,
 [mexericos, namoros, risadas
 A gente brincava no meio da rua
 Os meninos gritavam:

Coelho sai!
 Não sai!

A distância as vozes macias das meninas politonavam:

Roseira dá-me uma rosa
 Craveiro dá-me um botão
 (Dessas rosas muita rosa
 Terá morrido em botão...)
 De repente
 nos longes da noite
 um sino

Uma pessoa grande dizia:
 Fogo em Santo Antônio!
 Outra contrariava: São José!

Totônio Rodrigues achava sempre que era São José.
 Os homens punham o chapéu saíam fumando
 E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o
 [fogo

Rua da União...
 Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância
 Rua do Sul
 (Tenho medo que hoje se chame do Dr. Fulano de Tal)
 Atrás de casa ficava a Rua da Saudade...
 onde se ia fumar escondido
 Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora...
 onde se ia pescar escondido
 Capiberibe
 - Capibaribe
 Lá longe o sertãozinho de Caxangá
 Banheiros de palha

Um dia eu vi uma moça nuinha no banho

Fiquei parado o coração batendo

Ela se riu

Foi o meu primeiro alumbramento

Cheia! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redemoinho

(sumiu

E nos pregões da ponte do trem de ferro os caboclos destemidos

(em jangadas de bananeiras

Novenas

Cavalcadas

Eu me deitei no colo da menina e ela começou a passar a mão

[nos meus cabelos

Capiberibe

— Capibaribe

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas

Com o xale vistoso de pano da Costa

E o vendedor de roletes de cana

O de amendoim

que se chamava midubim e não era torrado era cozido

Me lembro de todos os pregões:

Ovos frescos e baratos

Dez ovos por urna pataca

Foi há muito tempo...

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros

Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil

Ao passo que nós

O que fazemos

É macaquear

A sintaxe lusíada

A vida com uma porção de cornas que eu não entendia bem

Terras que não sabia onde ficavam

Recife...

rememoração, da lembrança. A especificidade da memória em que as imagens fluem involuntariamente, sem um certo domínio quanto a seleção ou organização dessas cenas. Além disso, a linguagem traz esse desejo de voltar a algum local não determinado do passado, autoridade da mente de averiguar o que o tempo seria capaz de desgastar, mas é compilação integrante do sujeito lírico que a si mesmo investiga: “Não o Recife dos Mascates [...] Recife da minha infância”.

Tentando não imitar a “sintaxe lusíada”, uma vez que o autor determina uma pronúncia informal, a saudade busca sua fisionomia brasileira. Mais como um talentoso que cola figuras de memórias e menos como um tirador de fotos, Bandeira manuseia com perfeição o verso livre, que possuía o desejo de representar a simplicidade da língua atual falada pelo brasileiro. A proximidade se fez por meio de uma metodologia que imita a linguagem oral, melhor dizendo, a sequência decorrente da prosa operária no interior do verso, transformando sua sonoridade, cominando sua presença e aperfeiçoando. Dessa forma, Manuel Bandeira designa uma subjetividade poética que atenciosamente lembra a infância com intensidades nas quais a saudade não se exhibe ligada à semântica portuguesa, mas debate e se investiga ao sol do Recife. Demonstra, assim, a ideia da saudade agradável, porque o eu lírico atravessa prazerosamente as avenidas da sua Recife nostálgica: “Rua da União [...] Rua do Sol [...]” e segue pelo rio no qual o nome ecoa em suas mudanças sonoras e ortográficas: “Capiberibe/ Capibaribe”, iniciativa de libertação da terra antiga através de suas recordações. Tornam-se úteis as reticências e as exclamações: “Recife... Rua da União... A casa de meu avô...Nunca pensei que ela acabasse!”, registro surpreso e rápido de um indivíduo surpreendido pela saudade de uma época que aparentava eterna e agora se eterniza pela satisfação da recordação.

O uso da linguagem coloquial estimula ainda mais as lembranças, dado que não é algo maquinal, dito no dito, mas experimentado, subjetivo. Podemos observar em todo o poema essas sensações que nos levam ao processo da memória e é inegável que a leitura coloquial nos leva a esse Recife vivido pelo menino, leiamos:

31 Rua da União...
 32 Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância
 33 Rua do Sol
 34 (Tenho medo que hoje se chame do Dr. Fulano de Tal)
 35 Atrás de casa ficava a Rua da Saudade...
 36 ... onde se ia fumar escondido
 37 Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora...
 38 ... onde se ia pescar escondido
 39 Capiberibe
 40 – Capibaribe

41 Lá longe o sertãozinho de Caxangá
42 Banheiros de palha

O uso da linguagem cotidiana nos transporta as ruas do Recife e ao sentimento do eu lírico, expondo uma expressão espontânea e intimista, rompendo com a linguagem automática e propondo uma proximidade e propriedade verdadeira, a exemplo dos termos “A gente” no verso 13, citado anteriormente, e “Lá longe” no verso 41. A linguagem do poema além de coloquial, também segue o fluxo de pensamento, trazendo cenas/imagens soltas, que não estabelecem uma conexão, como por exemplo os versos 10 e 11, mencionados previamente. Outras expressões que fortalecem a fala brasileira e contribuem para o sentimento de pertencimento do eu poético, encontramos nos seguintes versos:

56 E o vendedor de roletes de cana
57 O de amendoim
58 que se chamava midubim e não era torrado era cozido

A substituição do “amendoim” por “midubim” registra a linguagem oral e escrita de uma ortografia subjetiva, trazendo uma linguagem de recordação. Como também, são expressões populares muito comuns na poesia de Bandeira, que trazem um efeito humorístico ou irônico. O deslocamento dos versos remete a um movimento natural da fala, como se houvesse algo a mais a ser dito, que é o que ocorre nos versos 57 e 58.

Portanto, através da análise estabelecida no poema, pudemos constatar alguns elementos que contribuem para a formação da recordação da infância do sujeito poético. Ficou claro que cada traço de “Evocação do Recife” nos guia ao sentimento nostálgico do que já foi vivido. A linguagem aproxima o leitor e o eu poético do seu passado e das suas brincadeiras nas ruas da cidade, os versos livres e as imagens soltas nos descrevem como um filme ou um poema fotográfico fragmentado. O Recife é delineado com afeição, não se trata de qualquer Recife, entretanto “O Recife da minha infância”, marcado pelo pronome possessivo, indicando o pertencimento do sujeito lírico a cidade e da cidade ao sujeito lírico.

“Recife Morto”, poema de Joaquim Cardozo, foi publicado em 1947, no seu primeiro livro *Poemas*. Responsável por produzir uma escrita singela, um dos assuntos principais da produção poética do escritor é a “cidade”. Abrangendo por trás dela a existência humana em sua especificidade histórica, Cardozo chega a oferecer aspectos subjetivos do lugar. Leiamos os versos:

Recife morto

1. Recife, Pontes e canais

2. Alvarengas, açúcar, água rude, água negra.
3. Torres de tradição, desvairadas, aflitas,
4. Apontam para o abismo negro-azul das estrelas.
5. Pátio do Paraíso. Praça de São Pedro.
6. Lajes carcomidas, decrépitas calçadas.
7. Falam, baixo, na pedra, as vozes da alma antiga.

8. Gostas de som sobre a cidade,
9. Gritos de metal,
10. Que o silêncio da treva condensa em harmonia.
11. As horas caem do relógio do Diário,
12. Da Faculdade de Direito e do Convento
13. De São Francisco;
14. Duas, três, quatro... A alvorada se anuncia.

15. Agora, ao ouvir as horas que as torres apregoam,
16. Vou navegando o mar de sombra das velas,
17. E o meu olhar penetra o reflexo, o prodígio,
18. A humilde proteção dos telhados sombrios,
19. O equilíbrio burguês dos postes e dos mastros,
20. A ironia curiosa das sacadas.

21. As janelas das velhas casas negras,
22. Bocas abertas desdentadas, dizem versos
23. Para a mudez imbecil dos espaços imóveis.

24. Vagam fantasmas, pelas velhas ruas,
25. Ao passo que, em falsete, a voz fina do vento
26. Faz rir os cartazes.

27. Asas imponderáveis, úmidos véus enormes.
28. Figuras amplas, dilatadas pelo tempo,
29. Vultos brancos de aparições estranhas,

30. Vindos do mar, do céu... sonhos! ... evocações!...
31. A invasão! Caravelas no horizonte!
32. Holandeses! Vryburg!
33. Motins. Procissões. Ruído de soldados em marcha.
-
34. Os andaimes parecem patíbulos erguidos.
-
35. Vão pela noite na alva do suplício
36. Os mártires
37. Dos grandes sonhos lapidados.
-
38. Duendes!....
39. Manhã vindoura. No ar prenúncio de sinos.

40. Recife,
41. Ao clamor desta hora noturna e mágica,
42. Vejo-te morto, mutilado, grande,
43. Pregado à cruz das novas avenidas
44. E as mãos longas e verdes
45. Da madrugada
46. Te acariciam.

Contendo 46 versos, o poema nos traz um eu lírico que tece uma elegia para a cidade do Recife, podemos identificar esse ponto a partir do título: “Recife morto”, dado que diante dele apresenta qual é o estado da capital ou como o sujeito poético está enxergando-a naquele momento. Ao longo do texto, vemos o porquê de o termo “morto” ser utilizado. Pois é viável notar ambiguidades produzidas devido a procedimentos modernos, a exemplo dos primeiros versos da primeira estrofe:

“Torres de tradição, desvairadas, aflitas,
Apontam para o abismo negro-azul das estrelas.
Pátio do Paraíso. Praça de São Pedro.
Lajes carcomidas, decrépitas calçadas.
Falam, baixo, na pedra, as vozes da antiga alma.”

Nesse trecho, encontramos termos imagéticos que nos teletransportam ao local descrito, o uso dos adjetivos é de bastante importância para visualizar o lugar. Observe as seguintes expressões utilizadas: “desvairadas”, “aflitas”, “carcomidas”, “decrépitas”, “antiga”. Todos esses adjetivos corroboram o estado da cidade, visto que são palavras que atribuem um significado de desgaste, velhice e até morte. Adjetivos que indicam a “alma antiga” da cidade, que está tão desgastada que até fala “baixo”, outro sinal da velhice. Entretanto, nos próximos versos, encontramos outra situação em que se encontra a cidade. Vejamos: “Gotas de som sobre a cidade/ Gritos de metal,/ Que o silêncio da treva condensa em harmonia”, nesses versos observamos sinais de desenvolvimento, mas não qualquer um, um, uma expansão moderna. O verso “Gritos de metal” evidencia o sentimento da cidade perante a modernização. Desse modo, fica claro que se mantém um local que vê tudo que permanece à sua volta: a maré, os automóveis, as nuvens, o céu, e, principalmente, o progresso. A evolução que dá à cidade velocidade de máquina, da cidade que aprofunda, por cima do asfalto, o seu passado. Assim, de certo modo, há uma carga que essa cidade carrega, pois temos dois espaços, um que carrega a tradição e seu desgaste, outro que traz um “grito” que clama nascer um mundo novo, avançado.

O sujeito poético age no poema como um observador, notando e descrevendo tudo que está à sua volta. Registrando esses dois lados de um só lugar, a morte da tradição, do já conhecido e a anunciação do que está sendo construído e vai ser vivido. Essa observação fica nítida no verso “Duas, três, quatro... A alvorada se anuncia.”. Quando descreve o desgaste da localidade, o eu lírico transfere uma atmosfera mais noturna, a exemplo do quarto verso “Apontam para o abismo negro-azul das estrelas”. Todavia, ao começar a mencionar as marcas do progresso, ele anuncia a alvorada, o amanhecer, um novo dia.

Uma impressão muito assídua no poema é o “tempo”. Em seus versos, existe uma mudança entre o presente, o passado e o futuro. A oscilação do tempo presente ao passado acontece a partir do período que o eu lírico, em seu percurso pela cidade, esbarra-se com as, torres, casas velhas e suas janelas abertas. O componente “fantasma”, nesse texto, é chamado para simbolizar o passado, pela invasão dos portugueses e holandeses. Além disso, podemos notar que há uma breve descrição de como ocorreu os primeiros passos da modernização no Recife, nos seguintes versos:

“Asas imponderáveis, úmidos véus enormes.
 Figuras amplas, dilatadas pelo tempo,
 Vultos brancos de aparições estranhas,

 Vindos do mar, do céu... sonhos! ... evocações!...
 A invasão! Caravelas no horizonte!
 Holandeses! Vryburg!
 Motins. Procissões. Ruído de soldados em marcha.

 Os andaimes parecem patíbulos erguidos.”

Ou seja, o sujeito poético representa o início dos acontecimentos que levaram a capital ao seu desenvolvimento. Como se narrasse a cena visualizada por ele: “Vindos do mar, do céu...”, e os invasores vieram com “sonhos”, justamente o desejo de realizar algo maior no Recife. O fragmento descritivo do poema tem o objetivo de figurar e, ao mesmo tempo, representar o ambiente em sua volta. Assim sendo, a “enumeração”, no qual o uso recomenda um querer de totalização, indica a absorção em englobar tudo no seu detalhamento. É através de componentes simples e específicos que, gradativamente, o eu lírico relata a capital em seus traços mais específicos. Os componentes canais, alvarengas, açúcar, pontes e água negra auxiliam para a produção imagética da capital que devagar vai sendo apresentada, como se cada verso construísse a imagem espacial. O uso dos adjetivos “aflitas” e “desvairadas” são responsáveis por representar as torres que passam a ter também aspectos humanos, reforçando, como dito anteriormente, o sentimento do desgaste físico da cidade.

Observa-se nos dois poemas o uso repetitivo de exclamações e reticências: “A casa de meu avô.../Nunca pensei que ela acabasse!”, em “Evocação do Recife”; “Vindos do mar, do céu... sonhos!... evocações!.../A invasão! Caravelas no horizonte!”, em “Recife Morto”, se nota através dos versos apontamento veloz e surpreso de um sujeito abismado pela saudade de um passado que demonstrava ser eterno e agora vive pelo prazer da lembrança. Desse modo, é

evidente que os dois poemas utilizam bem o processo da memória, pois um narra detalhadamente suas memórias de quando criança e outro apresenta o que já foi a cidade e o que tem sido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a partir da análise empreendida acima, é notável que os dois poetas pernambucanos conceberam poemas ricos em imagens, sons e memória. O poema “Evocação do Recife” representa as memórias de um menino, tece lembranças da sua cidade, da sua rua e de acontecimentos importantes e banais da sua infância. Mostrando com comoção um Recife que ele já não tem mais, mas que existiu e resiste em sua memória, pois não se trata de uma cidade racional, mas de uma cidade particular e subjetiva. Ademais, o poema Recife Morto também nos descreve as memórias de uma cidade a partir do seu desgaste físico e do seu renascimento. É interessante salientar que, a voz poética constrói essa elegia para a cidade que já viveu e devido ao seu estado de velhice, de “alma antiga”, é vista ou entendida como morta, perto das “novas avenidas”. O uso das lembranças também revela o que e quem causou as transformações urbanas que mexeram com as formas do lugar, desse modo, com o passado sendo destruído em seu formato substancial e tornando-se outro lugar, por isso a sua morte.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. **Semana de Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ARRIGUCCI JR, D. **Humildade, Paixão e Morte** A poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Prefácio. In: CARDOZO, Joaquim. Poemas. Rio de Janeiro: Agir, 1947.

FREYRE, G. **Manuel Bandeira, recifense**. In BRAYNER, S. Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980. Gláuks: Revista de Letras e Artes – jul./ dez. 2019 – Vol 19, Nº 2, ISSN 2318-7131.

NORÕES, Everardo. **Notícia Biográfica**, In: CARDOZO, Joaquim. Poesia completa e Prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar: 2008.

CONSCIENTIZAR HOJE PARA VIVER MELHOR AMANHÃ

Adevaldo Francisco dos Santos
Isabela Cristina Gomes Ribeiro da Silva
Rosilene Félix Mamedes

1 INTRODUÇÃO

Os impactos ambientais são ocasionados quando há o rompimento do equilíbrio ecológico devido à pressão que o ser humano exerce sobre os recursos naturais. Nos últimos anos, os impactos ambientais nas cidades aumentaram e se diversificaram devido a diversos fatores inseridos na sociedade, além disso, o desenvolvimento das cidades e o crescimento populacional acarretam diversos fatores que causam danos ambientais. Os costumes e hábitos na utilização da água, a produção de resíduos sólidos gerados devido ao consumismo e ainda o avanço tecnológico influenciam diretamente no meio ambiente, impactando-o. A cultura da população de uma região reflete não só no ambiente, mas também nos costumes e nos seus hábitos de consumo. Para Odum (1988) e Rickefs (1996) as cidades são uma das maiores fontes geradoras de impactos ambientais.

Conforme Adas (2002) o crescimento da geração de resíduos e a alteração das suas características se devem a combinação do aumento populacional aliado ao avanço industrial, a mudança nos hábitos de consumo da população bem como a melhoria na qualidade de vida. O autor afirma que a produção de resíduos está relacionada com classe social, pois quanto maior a renda do consumidor maior será a quantidade de lixo gerada por essa pessoa. Isto ocasiona um sério problema ambiental, pois as pessoas consomem visando o seu bem estar sem se preocupar com o destino do seu resíduo. Portanto, o modo de produção do lixo, a sua composição, a quantidade de reaproveitamento e o destino final indicam o desenvolvimento e a cultura de uma sociedade.

Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a produção de lixo no Brasil equivale a 161.084 mil toneladas por dia, representando um crescimento de 23% em 10 anos, porém somente 2,4% dos resíduos sólidos urbanos são reciclados. Lamentavelmente, 86% dos municípios brasileiros não possuem aterro sanitário e conseqüentemente, os resíduos acabam sendo dispostos em lugares inapropriados, como por

exemplo, os lixões a céu aberto, a beira dos rios, em loteamentos e construções abandonadas (IBGE, 2010). De acordo com Braga et al. (2005) o lixo depositado em lugares inapropriados é a principal causa de inundações nas cidades, além de causar inúmeros problemas a saúde pública e a poluição do solo e da água devido ao chorume resultante da decomposição da matéria orgânica.

Quando se fala em preservação ambiental é preciso levar em consideração não só as empresas, mas sim a atitudes da população como um todo e também as ações que o governo pode realizar para um resultado final satisfatório sendo que as pessoas serão as maiores beneficiadas. Nesse contexto, a questão ambiental está ligada a dificuldade de encontrar o equilíbrio entre o desenvolvimento e o uso racional dos recursos e minimização dos impactos, havendo assim um equilíbrio de produção. (PADILHA et al., 2005).

A partir do exposto o presente trabalho tem por objetivo fazer um levantamento dos impactos ambientais negativos mais comuns existentes nas cidades brasileiras e relacioná-los com a sociedade atual e também com as atividades industriais que possuem um grande potencial poluidor.

Quanto ao procedimento metodológico, a pesquisa realizada configurou-se como sendo bibliográfica na qual foi realizado um levantamento dos principais impactos ambientais através de revisão bibliográfica e pesquisa em sites na internet.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000) no Brasil 80% da população habitam ambientem urbanos. O lixo é considerado uma grande problemática nos centros urbanos, pois quando estes resíduos são tratados e dispostos de forma inadequada no ambiente podem ocasionar a contaminação da água e do solo, o assoreamento dos rios, inundações, proliferação de vetores transmissores de doenças, poluição visual, mau cheiro, entre outros.

Além disso, grande parte das cidades brasileiras possui um serviço de coleta pouco eficiente no qual não há a separação dos resíduos na fonte. Nestes locais é usual observar resíduos dispostos de forma inadequada, ou seja, em terrenos baldios, nas margens das estradas, rios e lagos. Foi levantado pelo IBGE que no ano de 2000, dos 5.507 municípios existentes no Brasil apenas 1.814 coletaram os resíduos domiciliares gerados em residências representando 33%, sendo assim considerado um índice pouco satisfatório (IBGE, 2000).

Segundo Adas (2002) a geração do lixo e sua posterior deposição são consideradas um problema mundial, principalmente nas metrópoles, pois possuem um grande número de habitantes em uma área.

A fauna brasileira caracteriza-se como uma das mais ricas do mundo, pois abriga uma grande biodiversidade de espécies. Diversas espécies da fauna brasileira encontram-se ameaçadas de extinção devido a pesca predatória, a destruição de habitats, a introdução de espécies exóticas e ao tráfico de animais silvestres. As espécies vegetais também sofrem um grande impacto devido ao desmatamento das florestas para a substituição por pastagens e culturas anuais e também pela pressão do crescimento demográfico, que por sua vez exige que haja mais território para a ocupação humana. Além disso, as queimadas degradam o meio ambiente e afetam diretamente as espécies de fauna e flora que habitam as florestas.

Por outro lado, as atividades industriais geram uma grande diversidade de impactos no meio ambiente que acarretam enormes problemas para a população das cidades. O lançamento de efluente nos recursos hídricos sem tratamento prévio pelas industriais causa a poluição da água dos rios, lagos e lagoas. O artigo escrito por Möller (2009) descreve a catástrofe ambiental ocorrida no Rio dos Sinos em outubro de 2006. Segundo o Relatório de Atendimento de Emergência elaborado pela FEPAM, nesse período houve a mortalidade, por asfixia, de mais de 80 toneladas de peixes devido a presença de metais pesados como o cádmio, cromo hexavalente e bário que foram lançados no rio através de efluentes industriais sem tratamento prévio pela indústria da região. Esse desastre ambiental foi considerado um dos maiores desastres ambientais do Brasil tendo uma repercussão internacional. As figuras 1 e 2 abaixo demonstram os impactos dos metais pesados no Rio dos Sinos.

FIGURA 1: MORTANDADE DE PEIXES NO RIO DOS SINOS. FONTE: ECOPRESS (2006).



FIGURA 2: MORTANDADE DE PEIXES NO RIO DOS SINOS EM 2006.



Fonte: Ambiética Assessoria Ambiental (2010).

Além disso, a emissão de gases na atmosfera sendo de origem industrial, automotiva ou queima de combustíveis fósseis, agravam o efeito estufa no planeta bem como, causam a chuva ácida que altera a composição química do solo e das águas. Além disso, o gás CFC gerado pelo ar condicionado age diretamente sobre a camada de ozônio, destruindo-a e prejudicando a sua função que consiste em filtrar os raios ultravioletas, nocivos à saúde do homem, atingindo assim diretamente a população humana, podendo então vir a sofrer de câncer de pele, problemas oculares, entre outros.

Outro fator extremamente preocupante é o crescimento populacional desenfreado e sem controle que interfere na ocupação do solo e que conseqüentemente, acaba ocorrendo de forma irregular. O consumismo muito presente na sociedade atual capitalista também tem uma grande parcela nos impactos ambientais, pois este hábito gera uma quantidade muito grande de resíduos sólidos, bem como o estímulo ao desperdício.

De qualquer forma todas as atividades produzidas pelo homem geram algum tipo de dano na natureza, nesse contexto, muitos desses impactos são provenientes da geração de energia. As hidrelétricas utilizadas para a produção de energia afetam drasticamente o meio ambiente interferindo em diversos aspectos, como por exemplo: a hidrologia, clima, erosão e

assoreamento, sismologia, flora, fauna e alteração da paisagem (LEITE, 2005). A implantação de uma hidrelétrica acarreta a construção de represas que alteram o fluxo e a vazão dos rios, a perda da biodiversidade de espécies da fauna e flora locais, desmatamento, bem como o assoreamento dos rios devido a erosão comprometendo assim, os locais de desova de peixes. Além disso, influencia no clima local, pois altera a temperatura, umidade, evaporação, precipitação e ventos, bem como pode causar pequenos terremotos.

Outra atividade que gera diversos tipos de impactos ambientais é a de avicultura. No processo de abate de frangos na empresa Perdigão Agroindustrial S/A - Unidade Industrial de Serafina Corrêa – RS é produzido uma grande quantidade de resíduos sem fim comercial e que não servem para o consumo humano. Estes resíduos provenientes do abate de frangos consistem em carcaças desclassificadas, peles, as cabeças, as penas, os ossos, as vísceras, as gorduras, a borra do flutador, resíduos de cama de aviários originados na lavagem de gaiolas, sangue e demais efluentes líquidos. Cabe a empresa dar o destino adequado a estes resíduos sem gerar poluição e degradação ambiental de acordo com a legislação vigente que regula o destino final dos resíduos (PADILHA et al., 2005).

2 O LIXO E SEU IMPACTO AMBIENTAL

O lixo (também chamado de resíduo) é considerado um dos maiores problemas ambientais da nossa sociedade. A população e o consumo per capita crescem e, junto com eles, a quantidade de resíduos produzidos. Na maioria das vezes, o lixo não é descartado de maneira correta e pode resultar em diversos problemas para o meio ambiente, como contaminação da água, do solo e até mesmo do ar. Veja nesse texto um pouco mais sobre o lixo e o impacto ambiental que ele ocasiona.

3 CULTURA DO LIXO

Em nosso país, a população em geral não apresenta uma cultura de interesse no destino dos resíduos, residindo a maior preocupação na necessidade de um serviço de recolhimento. Uma vez recolhidos pelo serviço público de coleta, para muitos o problema já está resolvido. Esta cultura tem como consequência a falta de interesse em fazer uma redução significativa na geração de lixo, como base para a gestão sustentável. As pessoas não pensam na preservação dos recursos naturais e não têm interesse nos mecanismos de eliminação, a menos que eles representem uma ameaça para a saúde. No entanto, devemos lembrar que

somos todos consumidores e responsáveis pelos resíduos que geramos em relação à qualidade e à quantidade. Portanto, também temos um papel fundamental na geração de resíduos e em seu destino final.

4 LIXO E SEUS IMPACTOS AMBIENTAIS

4.1 MATERIAIS NÃO RENOVÁVEIS

Um dos maiores problemas é o consumo de energia e materiais que são usados para fazer embalagens e produtos que depois descartamos. Essa energia e esses materiais geralmente vêm de recursos não renováveis, como petróleo e minerais. Quando descartamos o que consideramos lixo, estamos, na verdade, jogando fora os recursos naturais.

4.2 A CONTAMINAÇÃO DA ÁGUA

A água da superfície é contaminada pelo lixo que jogamos em rios e canais. Em lugares onde há concentração de resíduos líquidos (lixiviados e chorume) há contaminação do solo e das águas subterrâneas. Deve-se notar que nos aterros sanitários devidamente licenciados pelos órgãos ambientais, os lixiviados não contaminam a água ou o solo porque são controlados e adequadamente tratados, ao contrário dos lixões, onde não há qualquer controle. A descarga de resíduos em córregos e canais abandonados em vias públicas, também pode ocasionar a obstrução de redes de esgotos. Na época de chuvas, provoca inundações que podem causar a perda de bens materiais e, o que é pior, vidas humanas.

4.3 CONTAMINAÇÃO DE SOLO

A presença de óleos, solventes, gorduras, metais pesados e ácidos, entre outros resíduos contaminantes, alteram as propriedades físicas, químicas e do solo, podendo representar um grande risco à população.

4.4 A POLUIÇÃO DO AR

Os resíduos sólidos abandonados em lixões a céu aberto deterioram a qualidade do ar que respiramos por causa da queima e da fumaça, além de vetores (insetos, roedores e pequenos animais) que ocasionam incômodos e podem disseminar doenças. A visibilidade é

reduzida e a poeira levantada pelo vento em períodos de seca podem transportar microrganismos que produzem infecções respiratórias e irritação nasal e ocular, além de ser inconveniente respirar odores desagradáveis. Além disso, a degradação da matéria orgânica dos resíduos produz uma mistura de gás conhecida como biogás, composta principalmente de metano e dióxido de carbono (CO₂ e CH₄), conhecidos como gases efeito estufa (GEE), que contribuem para o processo de das alterações climáticas; adicionalmente, o metano acumulado pode causar explosões.

4.5 OUTROS EFEITOS

Além da poluição do ar, terra e água, a má gestão dos resíduos tem efeitos prejudiciais à saúde pública (devido à poluição ambiental e à possível transmissão de doenças infecciosas transportadas por vetores) e à degradação ambiental em geral, bem como aos impactos paisagísticos. Da mesma forma, a degradação ambiental implica custos sociais e econômicos, como a desvalorização de propriedades, a perda de qualidade ambiental e seus efeitos sobre o turismo.

4.6 LEI SOBRE DESCARTE DE LIXO

Desde 2014, foi sancionada a lei que prevê multa para quem não fizer o descarte correto desses itens. Mas 71% dos municípios brasileiros ainda não fazem isso de maneira correta e seletiva, a ponto de não prejudicar o meio ambiente (quer entender um pouco melhor como eles prejudicam o ambiente, leia esse nosso post).

4.7 COMO RESOLVER O PROBLEMA

Para que o lixo não seja um problema para a sociedade, é necessário realizar o descarte correto. Atualmente a gestão de resíduos é feita através da reciclagem, compostagem, aterro sanitário ou incineração. É importante que os resíduos não sejam descartados incorretamente que sejam levados para aterros sanitários ou submetidos aos processos anteriormente citados. Além disso, também é necessário educar a sociedade sobre o lixo e seu impacto ambiental e a necessidade de reduzir o consumo de matérias primas e energia.

Segundo Carvalho (2006), a Educação Ambiental é concebida inicialmente como preocupação dos movimentos ecológicos com a prática de conscientização capaz de chamar a

atenção para a finitude e má distribuição do acesso aos recursos naturais e envolver os cidadãos em ações sociais ambientalmente apropriadas.

A expressão Educação Ambiental compõe-se de um substantivo e um adjetivo, que envolvem, respectivamente, o campo da Educação e o campo Ambiental. Enquanto o substantivo Educação confere a essência do vocábulo “Educação Ambiental”, definindo os próprios fazeres pedagógicos necessários a esta prática educativa, o adjetivo ambiental anuncia o contexto desta prática educativa, ou seja, o enquadramento motivador da ação pedagógica (BRASIL, 2004, p. 7).

Por outro lado, o professor precisa ter como horizonte a transformação de hábitos, mobilizando os estudantes para formação da consciência ambiental. A Escola deve favorecer o trabalho de questões ambientais, promovendo ações de integração, divulgação e discussão das atividades desenvolvidas, bem como elaborar uma política ambiental para a instituição. O incentivo à reciclagem e a utilização de materiais recicláveis são práticas que podem ser utilizadas pela direção, como aliado no processo de sensibilização-conscientização.

Segundo afirma Oliveira (1997), “a Educação Ambiental deve estar fundamentada na mudança de percepção dos seres humanos em relação à natureza”. Ela deve transformar a visão utilitarista dos recursos naturais em atitudes, valores e ações capazes de frear o acelerado processo de deterioração do meio ambiente.

Tozoni-Reis *et al.*(2013), defende que a Educação Ambiental aponta para um processo de construção da relação humana com o ambiente onde os princípios da responsabilidade, da autonomia, da democracia, entre outros, estejam sempre presentes. Esta concepção muito de perto dialoga com a de Loureiro (2004), para quem a Educação Ambiental deve ser realizada pela articulação dos espaços formais e não formais de educação; pela aproximação da escola com a comunidade em que e insere e atende; pelo planejamento integrado de atividades curriculares e extracurriculares; pela construção coletiva e democrática do projeto político-pedagógico e pela vinculação das atividades de cunho cognitivo com as mudanças das condições objetivas de vida.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ministério da Educação (BRASIL,1998), a preocupação em relacionar a educação com a vida do estudante — seu meio, sua comunidade — não é novidade. Ela vem crescendo especialmente desde a década de 60 no Brasil. Exemplo disso são as atividades como os “estudos do meio”. Porém, a partir da década de 70, com o crescimento dos movimentos ambientalistas, passou-se a adotar explicitamente a expressão “Educação Ambiental” para qualificar iniciativas de universidades, escolas, instituições governamentais e não governamentais, por meio das quais

se busca conscientizar setores da sociedade para as questões ambientais. Um importante passo foi dado com a Constituição de 1988, quando a Educação Ambiental se tornou exigência a ser garantida pelos governos federal, estaduais e municipais (artigo 225, § 1o, VI).

Cabe ressaltar, também, que, tradicionalmente, segundo Pereira (2010, p. 27), no ensino de Ciências a abordagem de temas sobre o meio ambiente é realizada nas seções relacionadas à Ecologia. Nesse caso, os livros incentivam os estudantes a desenvolverem uma postura de conservação, uso e manejo correto do ambiente, ou seja, destacam-se assuntos associados basicamente a conhecimentos biológicos / ecológicos. Para o autor, às vezes, o meio ambiente é apresentado como sendo a natureza para apreciação e preservação, somente.

Segundo Pereira (2010, p. 33-34) são muitas as concepções sobre o meio ambiente que aparecem nos livros didáticos. Entre elas consta a concepção ambiental generalizante, como sendo a que define meio ambiente de forma ampla, vaga e abstrata; a naturalista, que trata o meio ambiente como sinônimo de natureza e como o lugar onde os seres vivos habitam, bem como enfatiza os fatores bióticos e abióticos na composição do meio; a biocêntrica, a que aparece quando, no repertório conceitual, considera-se o ser humano como um ser vivo que se encontra inserido no meio ambiente, sem que este, necessariamente, tenha utilidade para o homem. A concepção Antropocêntrica também aparece e é caracterizada quando a razão de ser do meio ambiente é considerada como a serviço do homem e de sua existência. Outra concepção é a multidimensional, que considera o meio ambiente como um sistema complexo, resultante da interação entre fatores diversos como os biológicos, físicos, químicos, culturais, históricos, políticos, econômicos, numa configuração em constante mudança.

Diante o exposto os objetivos da pesquisa são descritos a seguir:

1. Conscientizar os estudantes sobre a questão dos resíduos sólidos, desencadeando uma postura em defesa do meio ambiente;
2. Sensibilizar os discentes para os problemas ambientais do meio onde vivem e convivem, e;
3. Implantar a Coleta Seletiva, ensinando-os a associação dos tipos de materiais com as respectivas cores dos recipientes coletores;
4. Confeccionar lixeiras seletivas para coletas do lixo
5. Confeccionar folder, Cartilha e jornais para divulgação
6. Promover debates e oficinas com os estudantes

4.8 LIXO DOMÉSTICO, PROBLEMA GLOBAL

O lixo que produzimos ameaça o meio ambiente e a saúde do planeta. Saiba como se tornar mais sustentável e reduzir a produção de resíduos no dia a dia

07/01/2019 15H13 ATUALIZADO HÁ 4 ANOS



Foto: Pexels

Nos últimos 30 anos, a geração de resíduos nas cidades aumentou três vezes mais do que a população urbana. Atualmente, produzimos 1,4 bilhões de toneladas por ano, o que significa que cada um dos sete bilhões de habitantes do planeta é responsável por produzir mais de um quilo de lixo por dia. Isso gera um gasto médio de 25% do orçamento dos municípios com gestão de resíduos sólidos e faz do lixo um dos grandes desafios para a sustentabilidade global.

Segundo dados do Panorama de Resíduos Sólidos 2017 da Abrelpe (Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais), mesmo com todos os esforços de governos e iniciativa privada em 2017, das 214.868 toneladas/dia de resíduos gerados, 196.050 toneladas não foram coletadas, ou seja, não tiveram o destino correto e provavelmente foram parar na rede pluvial, nos rios e nos mares.

Além de prejudicar inúmeros biomas, o lixo marinho afeta a pesca e o turismo, trazendo prejuízos financeiros, e se estende para além dos territórios dos países produtores, espalhando-se por todos os oceanos. De acordo com a ISWA (International Solid Waste Association), é possível detectar partículas plásticas até em águas praticamente intocadas pelo ser humano.

4.9 ILHA DE LIXO DO PACÍFICO

Grande parte do lixo nos mares se acumula em forma de ilhas de plástico, depósitos de resíduos que se movimentam em blocos de acordo com as correntes marítimas e acabam “ancorando” em determinadas regiões. O maior desses depósitos de lixo oceânico é conhecido como Ilha de Lixo do Pacífico ou Grande Mancha de Lixo do Pacífico, tem 1,6 milhão de metros quadrados e quase 80 mil toneladas de plástico.

COM MAIS DE 1,5 MILHÃO DE M², ILHA DE LIXO DO PACÍFICO É DUAS VEZES MAIOR QUE A FRANÇA



Foto: Ocean Unite/Reprodução

Recentemente, declarou-se guerra ao canudinho plástico, apontado como grande vilão da poluição das águas. De fato, é assustador pensar que 500 milhões de canudos plásticos são utilizados por dia somente nos Estados Unidos considerando que cada um leva até 200 anos para se decompor. No entanto, os canudos representam somente 4% do lixo marinho. O grande volume é de redes e equipamentos de pesca abandonados, que correspondem a 46% dos resíduos plásticos largados no mar. O restante é distribuído em outros itens plásticos, como copos e utensílios descartáveis, brinquedos, sacolas e embalagens.

4.10 LIXÕES E ATERROS SANITÁRIOS URBANOS: UM DESAFIO SOCIOAMBIENTAL URBANO

Os lixos produzidos por moradores das cidades têm como principal destino os lixões a céu aberto ou os aterros sanitários, onde deveria ser tratado. Esses depósitos de resíduos são uma agressão ao meio ambiente, às comunidades das áreas vizinhas e às pessoas que vivem da coleta de materiais descartados.

Altamente dispendiosos e ecologicamente nocivos, os lixões e aterros contaminam solos e o lençol freático, além de marginalizar pessoas que vivem neles ou em áreas próximas. E essa é um problema a ser resolvido pelas autoridades, mas que poderia ser reduzido se cada cidadão fizesse a sua parte, separando o lixo reciclável do orgânico e destinando os resíduos orgânicos à compostagem, pois até 90% do lixo produzido pode ser reciclado ou transformado em adubo ou combustível.

4.11 LIXO ZERO: UM MOVIMENTO QUE PROMOVE USO E O DESCARTE CONSCIENTE

O lixo que você produz é de sua responsabilidade, por isso, além de descartá-lo corretamente, é importante fazer boas escolhas desde o momento da compra de um produto, a fim de gerar menos resíduos e, conseqüentemente, menor impacto ambiental. Nesse sentido, o movimento lixo zero vem ganhando adeptos no mundo inteiro, pautados nos conceitos de repensar o descarte, reutilizar objetos, reduzir a geração de resíduos e reciclar.

Repensar o impacto causado pelas suas escolhas levou a fisioterapeuta Thainá Silveira a aderir ao lixo zero.

– Com as informações que tinha na época, desde criança, tive pequenos cuidados com o meio ambiente, como não jogar lixo no chão, não desperdiçar água nem energia, não pegar

mais de dois papéis pra secar as mãos, mas na adolescência e principalmente na fase adulta percebi que o que eu fazia era o mínimo e que podia fazer muito mais. As notícias catastróficas sobre o meio ambiente me fizeram rever a forma que eu consumia, pensar de que maneira poderia colaborar ou gerar o menor impacto possível, então percebi o quanto essa produção desenfreada, sem cuidados com sustentabilidade, é nociva pro nosso planeta. Hoje carrego um kit comigo, tem guardanapo de pano, talheres, hashis e canudo, além de um copo retrátil, que não sai da bolsa. Procuro ao máximo fazer comprar em lojas a granel e levo os meus potes, evitando consumo de alimentos industrializados e suas embalagens (às vezes mais de uma). Quando consumo alimentos ou produtos que possuem embalagem ou que têm componentes que acabam virando lixo, o que posso fazer é reciclar, dar o destino mais correto pra cada coisa – relata.

Assim como Thainá, milhões de pessoas no mundo inteiro têm repensado seus hábitos e tomado para si a responsabilidade de construir um futuro mais sustentável, reduzindo a geração de resíduos domésticos e espalhando o conceito de lixo zero.

Você pode dar um destino melhor para o lixo que produz, por exemplo: os lacres de latinhas de alumínio podem ser entregues a projetos como o Lacre Amigo, que doa cadeiras de rodas a pessoas com deficiência cadastradas no programa.

Da mesma forma, podem ser doadas as tampas de garrafa PET ou de caixas longa vida (de leite, iogurte etc.) para projetos voltados ao bem-estar de animais de rua, como o EcoPet, que utiliza a verba da reciclagem desses materiais para castrar cães e gatos abandonados da Grande Florianópolis.

5 CONCLUSÃO

O lixo é um problema mundial e principalmente em cidades onde a educação é de baixa qualidade, a grande maioria dos moradores, após produzirem seus próprios lixos tem a cultura de jogá-los nas ruas e em terrenos baldios.

A implantação de lixeira seletivas nas ruas, órgãos públicos e nas escolas, a conscientização da população para o descarte correto do lixo para coleta seletiva, passou a ser uma necessidade para a diminuição da poluição, economia de energia, geração de empregos e renda e a diminuição com gastos públicos com limpeza urbana.

A ausência de informações da população e a falta comprometimento do poder público ainda são uns dos principais obstáculos para o lixo chegue no seu destino final de maneira correta atendendo todas as exigências da Política Nacional de Resíduos Sólidos.

REFERÊNCIAS

FOFONKA, L; Raquel de Antoni. **Impactos ambientais negativos na sociedade contemporânea**. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=1557>. Acesso em: 8 mai 2023.

AMBSCIENCE. **O lixo e seu impacto ambiental**. Disponível em: <https://ambscience.com/o-lixo-e-seu-impacto-ambiental/>. Acesso em: 8 mai 2023.

FREITAS, J. C. R. **Educação ambiental voltada para questão do lixo no ensino fundamental II: dialogando com os estudantes**. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=2075>. Acesso em 8 mai 2023.

GLOBO.COM. **Lixo doméstico, problema global**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/especial-publicitario/falando-de-sustentabilidade/noticia/2019/01/07/lixo-domestico-problema-global.ghtml>. Acesso em 8 mai 2023.

ISBN: 978-65-58-86-2



9 786558 862642